

JESUS CRISTO NO PANORAMA DA HISTÓRIA

Dr. Reynaldo Purim

INTRODUÇÃO

Esta introdução visa apresentar algumas explicações preliminares referentes à razão de ser do assunto deste livrete e do método de sua pesquisa.

A pessoa de Jesus Cristo será estudada aqui principalmente de modo prático e não doutrinário ou teológico. Esperamos focalizar a pessoa e a obra de Jesus Cristo como ele mesmo apresentou-se na História ou na experiência humana e não como os teólogos o têm procurado apresentar na teologia ou na cristologia.

Este método e ponto de vista são necessários porque os problemas religiosos do tempo atual, que precisam de solução, não são, necessariamente, teológicos, mas práticos. Hoje em dia pouco se estuda a pessoa de Jesus Cristo, doutrinariamente, mas, sim, nos seus aspectos práticos ou históricos. Hoje não somente os cristãos, mas os homens, em geral, precisam conhecer mais de perto, não primariamente, o Cristo da teologia, mas o Jesus como o Salvador e Senhor da sua vida prática. O conhecimento deste aspecto é necessário também para a evangelização do mundo e para combater as forças do inferno que se levantaram contra o Cristianismo como a religião da salvação. É com atenção ao aspecto prático do Evangelho e do Cristianismo que desejamos examinar a pessoa de Jesus Cristo em suas perspectivas históricas gerais.

Para esta finalidade, mais outras explicações preliminares tornam-se necessárias antes de entrarmos no exame do assunto. Por exemplo, quando mencionamos neste estudo a História, temos em mente a História Geral da humanidade ou o seu panorama global que inclui também a História do Cristianismo que surgiu dentro do panorama da História Geral e dele faz parte. Além disto, a pessoa de Jesus constitui a chave para a interpretação da História como um todo. Sem a pessoa histórica de Jesus Cristo e sem o Cristianismo com a sua obra na História, esta como tal não pode ser interpretada.

Neste estudo visamos abordar o problema da evangelização em que todos nós e muitos outros crentes estamos interessados em escala cada vez maior. O andamento da obra de evangelização para muitos crentes parece lento demais e não correspondendo às necessidades do tempo presente. Os problemas sociais e econômicos crescem e ameaçam não somente o Cristianismo como religião histórica, mas, também, põe em perigo a vida humana na sua totalidade. A percentagem da explosão demográfica, por exemplo, é maior do que o crescimento do número dos cristãos. Na base de informações estatísticas, o mundo nunca será evangelizado. Daí a ansiedade de muitos crentes; daí os esforços evangelísticos; daí também o aparecimento de determinados movimentos avivalistas heréticos e prejudiciais.

Embora todos estes movimentos se apresentem com a finalidade de intensificar a evangelização, nem todos eles se justificam diante da obra de Jesus Cristo. A propósito, devemos mencionar também as ideologias sociais ou políticas que se oferecem para solucionar os problemas da vida humana e que alegam que as igrejas ou o Cristianismo organizado têm sido muito lento no cumprimento da sua tarefa no mundo. Em face da presente situação surge em alguns crentes um pessimismo profundo e a ideia de que a marcha atual do Cristianismo nunca irá oferecer solução para os problemas da vida humana. Crentes há que consideram a marcha do Cristianismo atual como fracasso e

julgam necessário mudar tudo ou começar tudo de novo. A situação presente obriga-nos, pois, a considerar o assunto da propagação do Cristianismo mais detidamente e com mais carinho do que temos feito até agora. Hoje estamos realmente diante do dilema: Ou avivamos o andamento da obra de evangelização ou vamos perecer sob a pressão do mundo confuso e desesperado. Se os crentes e as igrejas não fizerem frente à situação atual e se não oferecerem aos problemas existentes uma solução cristã, então, eles mesmos, correm o perigo de serem pisados pelos homens, como falou Jesus, quando comparou os seus discípulos a luz do mundo e ao sal da terra.

Os problemas atuais da vida humana, certamente, não vêm do Cristianismo, que é obra divina, mas dos cristãos que nem sempre têm dado a devida interpretação do próprio Cristianismo ao mundo. Como obra divina, o Cristianismo nunca irá fracassar; os seus aparentes fracassos tem sido dos homens. Nunca devemos perder de vista esta verdade para nosso próprio fortalecimento. Os aparentes fracassos do Cristianismo têm sido nossos fracassos e são da nossa responsabilidade. Para tomar a nossa obra na expansão do Cristianismo mais eficiente e mais frutífera, precisamos descobrir as nossas fraquezas e erros e os dos nossos antepassados e precisamos corrigir-nos a nós mesmos.

Os defeitos vêm do passado e vem de longe. Somos vítimas e sofremos os defeitos das faltas dos que passaram. Isto, porém, não nos justifica, nem diminui a nossa responsabilidade. Somos responsáveis pela perpetuação dos erros dos outros e também pelos nossos e pelo prejuízo que poderão trazer sobre as gerações vindouras. Na situação atual, de modo algum devemos ficar indiferentes. Pelo contrário, precisamos procurar descobrir as origens dos nossos problemas e achar uma solução para eles nas Escrituras Sagradas.

Qual deve ser então, a nossa tarefa, hoje em dia? Alguém irá perguntar e com razão. A resposta não depende, certamente, de nenhuma análise das medidas que já tem sido propostas ou

sugeridas e mesmo experimentadas na prática. A nossa tarefa não é necessariamente, analisar ou criticar as tentativas dos outros, nem formular alguma ideologia ou método nosso para a evangelização para substituir os que existem. A nosso ver, precisamos ir ao próprio Jesus Cristo para procurar conhecer melhor como ele está apresentado nas Escrituras Sagradas e seguir o seu exemplo e ensino. Precisamos reconhecer mais, por exemplo, o fato de que Jesus Cristo é o nosso Salvador e também o Criador da História; e o seu centro e interprete. Foi ele quem implantou no mundo o Cristianismo como a religião da salvação dos pecadores e de solução para todos os problemas da vida humana. Precisamos examinar, pois, nos evangelhos, como Jesus atuou no seu ministério para implantar nos homens o reino de Deus. Precisamos examinar o método de trabalho dos apóstolos e de outros cristãos primitivos, que andaram com Jesus e aprenderam dele e cujo exemplo está ao nosso alcance nas Escrituras Sagradas.

À luz do exemplo e ensino de Jesus Cristo e dos seus apóstolos, precisamos examinar, também, na História do Cristianismo, como os outros cristãos posteriormente se afastaram do ensino de Jesus e dos seus apóstolos e como enfraqueceram a obra do evangelho. Isso deve servir para nós de aviso para não cairmos em deslizes semelhantes. O nosso ponto de partida é base para a nossa orientação deve ser, pois, o exemplo e ensino de Jesus quando atuou neste mundo. Precisamos examinar nos evangelhos como ele mesmo se apresentou aos homens. A nossa preocupação não precisa ser necessariamente como ele tem sido e é interpretado na teologia. Dizendo isto não queremos diminuir o valor da teologia. Esta é essencial para o doutrinamento dos crentes, mas não para a evangelização dos não crentes. Na evangelização não precisamos apelar para doutrinas, mas para experiência e fé. A este respeito, precisamos compreender a atuação do Espírito Santo, como aquele que glorifica Jesus Cristo nos homens. O mundo de hoje precisa e, de um modo ou outro, está buscando conhecer, o Jesus da experiência e não o da

teologia. O mundo precisa do testemunho da experiência dos crentes e não da pregação teológica.

Hoje há uma tendência de buscar o Jesus da História. Esse movimento, esperamos abordar mais adiante neste estudo.

Com estas palavras introdutórias cremos que tornamos claro o nosso objetivo neste estudo e o método pelo qual esperamos alcançá-lo. Ao invés de consultarmos doutrinas, desejamos examinar fatos no método de Jesus quando ele implantou o Cristianismo neste mundo. Isto é imprescindível para a orientação do nosso trabalho hoje em dia.

Concluindo, devemos acrescentar que o presente estudo poderá despertar perguntas sobre alguns assuntos que realmente deveriam ser examinados mais amplamente, mas que, por circunstâncias, vamos apenas abordar em resumo. Esperamos que os leitores considerem o presente estudo, apenas como início de uma pesquisa que hoje em dia precisa ser feita pelos pastores e outros obreiros que orientam a propagação do evangelho. A nossa palavra de modo algum será uma palavra final ou a solução para os problemas mencionados. Pedimos, portanto, e de antemão, desculpas pelas limitações na exposição da matéria.

1

A VIDA E A OBRA DO MESSIAS ENCARNADO

Para compreendermos os problemas religiosos dos homens de hoje e a nossa tarefa de evangeliza-los, precisamos conhecer a obra de Jesus na História e o seu exemplo de atuação. Precisamos ter uma perspectiva panorâmica da sua atuação para servir de critério para a nossa orientação. cremos que aquele que segue a Jesus em qualquer fase de sua vida nunca andara em trevas quanto

a sua atuação e solução dos seus problemas. Para isso precisamos estudar e conhecer como ele andou quando esteve no mundo. Precisamos conhecer o que está relatado dele nas Sagradas Escrituras, e, principalmente, nos evangelhos. Daí o tema deste capítulo. Vamos examinar, principalmente, o método que Jesus seguiu no seu ministério, quando se apresentou para fazer a sua obra. Nele temos o exemplo também para a nossa atuação na propagação do evangelho hoje em dia. Certamente, não poderemos abordar os pormenores ou casos particulares da obra de Jesus. Vamos mencionar o seu modo geral, o método pelo qual Jesus implantou o Cristianismo entre os homens. E no método de Jesus e dos seus apóstolos, que aprenderam dele, que temos exemplo perfeito para a nossa atuação como seus servos.

Como ponto de partida precisamos levantar algumas indagações como estas, por exemplo: Como foi que Jesus, no seu ministério, chegou a ser conhecido e reconhecido como uma pessoa divina? Qual foi a sua atitude para com os males que no seu tempo afligiam os homens e a sociedade em que viveu? Como Jesus chegou a ser crido e interpretado como o Cristo de Deus? Como foi que surgiu, enfim, o Cristianismo como religião histórica que possuímos e que precisamos propagar? É da observação do método de Jesus e dos seus apóstolos que depende o êxito do trabalho evangelístico em qualquer tempo. Devemos notar que a parte mais difícil para se compreender no nosso trabalho é sempre o método. E mais fácil compreender o que é preciso fazer do que saber como fazer. O mesmo acontece também nas atividades espirituais. Desejamos, portanto, despertar a atenção dos leitores para o aspecto referente ao método na obra de Jesus e também na nossa.

Para estudarmos nos evangelhos o método de Jesus não precisamos, certamente, encontrar neles referências diretas ao seu método. As narrativas do ministério de Jesus apresentam fatos ou atos sem analisar ou explicar diretamente o método de sua atuação. Quem precisa descobrir o método somos nós. Está

implícito nos fatos, embora o historiador não chame a nossa atenção para ele. Para descobrirmos o método dependemos de análise e discernimento das relações de causa e efeito e do processo da experiência. Precisamos olhar como as coisas são feitas ou se processam. É na matéria do método que frequentemente erramos e nos enveredamos para interpretações e práticas prejudiciais.

Precisamos focalizar os vários métodos pelos quais podemos conhecer as nossas experiências e as dos outros, inclusive aquelas que os homens tiveram com Jesus neste mundo. Em outras palavras, perguntamos: Como foi que Jesus se fez conhecido aos homens? Como lhes revelou o que era? Certamente, Jesus usou no seu ministério vários métodos, mas teve um método básico ou essencial. É esse que deve servir de exemplo para nós Quando apresentarmos Jesus as pessoas que não o conhecem e que procuramos evangelizar.

Para examinarmos a atuação de Jesus no seu ministério, voltemos à pergunta já formulada: Como foi que Jesus chegou a ser reconhecido pelos homens como divino, o Cristo de Deus e Salvador? Como foi que Jesus apresentou-se a eles? Talvez alguns julguem nem haver problema aqui. Nós pregamos sobre a divindade de Cristo e sobre outros assuntos semelhantes na base da autoridade da revelação. Baseamo-nos no que disseram os profetas do Antigo Testamento e no que disseram os após talos; baseamo-nos, enfim, nas Escrituras Sagradas como a Palavra de Deus. Quando agimos como pregadores e teólogos, agimos na base da autoridade dos outros e da nossa experiência e não sentimos haver nisso qualquer problema. Falamos em tese, por exemplo, que o evangelho de Cristo é o poder de Deus para a salvação. É este, obviamente, o método por excelência e o único que devemos seguir, embora alguns o considerem superado e queiram muda-lo. O método teológico baseia-se na revelação divina. A vinda de Jesus foi anunciada e interpretada nesta base.

É certo que Jesus usou o método teológico no seu ministério, mas não foi este o seu método inicial, nem o principal pelo qual ele se revelou aos homens. Jesus usou da sua autoridade, como vamos ver, mas a sua autoridade não era externa ou formal. Ele não se impôs aos homens. A autoridade de Jesus era pessoal; era dele mesmo. Ele dizia: "Eu, porém, vos digo". Jesus não baseou seu ministério em método filosófico. Não apelava para a inteligência, nem atendia às curiosidades mentais dos homens. Não procurava responder perguntas quando eram apenas especulações para satisfazer mera curiosidade. Jesus não explicava as origens nem os métodos das coisas. O ensino de Jesus não era teórico, filosófico, mas prático. Jesus não apelava pelo argumento ou pela lógica, mas despertava a consciência moral dos homens. A tendência dos homens em geral, inclusive a nossa, é querer explicar tudo ou buscar a explicação para tudo. Pregadores há que misturam o evangelho com ideias filosóficas, sociais e outras. Este, porém, não foi o método de Jesus. O seu ensino não despertava problemas metafísicos em torno da sua pessoa, ou em torno da Trindade, por exemplo. O ensino de Jesus não visava os sábios embora estes não ficassem sem uma resposta adequada como aconteceu no caso de Nicodemos.

O método característico de Jesus era dirigir-se aos homens, apelando para que eles mesmos examinassem as coisas e achassem a verdade por experiência própria. Quando Jesus veio, par exemplo, batizar-se e quando João Batista perguntou: "*E tu vens a mim?*" (Mateus 3.14), Jesus não respondeu à pergunta de João, mas disse simplesmente: "*Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça*". João precisou primeiro obedecer e cumprir a sua tarefa para depois compreender a razão de ser do ate exigido par Jesus. Também quando dois discípulos de João Batista perguntaram a Jesus: "*Onde moras?* ", ele ao invés de informar dando endereço, disse apenas: "*Vinde e vede*". Foi um método novo e diferente de orientar os homens a respeito de como devem procurar conhecer as coisas. Jesus apelou para que conhecessem as coisas por experiência própria e não por

informação de terceiros, dirigida apenas ao raciocínio. O objetivo de Jesus era que os homens descobrissem por si próprios a verdade a respeito dele. Por este método os primeiros discípulos chegaram a dizer: "Achamos o Messias". Conheceram-no como tal por experiência ou contato pessoal. Os que aceitaram o convite e tiveram contato pessoal com Jesus, ou os que o aceitaram pela Fe, tiveram a oportunidade e capacitação para tornarem-se filhos de Deus. Por experiência própria os discípulos viram em Jesus a glória de Deus. Conheceram, através da pessoa de Jesus, a Deus como Pai. O evangelho de Joao põe em destaque este método de Jesus levar os homens a crer nele e como eles de fato iam crescendo na sua Fe.

Não resta dúvida de que Jesus dirigiu-se também ao entendimento e raciocínio dos seus discípulos. O Sermão da Montanha, por exemplo, foi dirigido à inteligência para uma aplicação prática. Jesus disse: "Não julgueis que vim destruir a lei e os profetas. Não vim ab-rogar, mas completar" (Mateus 5.17). Disse mais: "Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo algum entrareis no reino de Deus" (Mateus 5.20). A observação prática deste ensino dependia do entendimento. Baseados no seu conhecimento da Lei Mosaica os discípulos podiam compreender que as exigências de Jesus eram maiores do que as da Lei. O ideal de Jesus era que os discípulos não fossem apenas cumpridores da Lei, mas que o conhecessem, a ele próprio, e possuíssem o seu espírito e virtudes. Em certa ocasião, Jesus disse: "Vinde a mim todos ... e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração" (Mateus 11.28-29). Jesus veio ao mundo para que os homens conhecessem a graça e a verdade que não puderam vir através da Lei, nem através dos profetas, mas que só pode vir na pessoa de Jesus Cristo. Para que os homens conhecessem esta revelação era preciso que Jesus fosse levantado na sua experiência histórica para que eles conhecessem quem ele era. A mensagem de Jesus Cristo ou a sua revelação aos homens era ele mesmo. Não eram primariamente as suas obras ou ensinamentos, mas era a sua própria presença como fato na experiência.

Era esta a originalidade e vitalidade do método da atuação de Jesus no seu ministério no mundo. Ele dirigiu-se aos próprios alicerces do conhecimento - a experiência, a Fé e o entendimento racional.

Ha outro aspecto no método de Jesus que deve merecer a nossa atenção. Ele começou com ideias já conhecidas dos homens, embora o seu verdadeiro significado fosse mal compreendido, para por maio delas transmitir a sua mensagem propriamente dita. Jesus apresentou-se no seu ministério pregando o reino de Deus (Marcos 1.14). A ideia do Reino representava o mais alto ideal do povo israelita. O povo esperava o reino embora não compreendesse o significado espiritual do termo usado por Jesus. Jesus usou uma ideia familiar para atrair a atenção dos ouvintes. Fosse qual fosse a ideia do povo sobre o reino, ela era objeto de fé e da boa vontade dos homens. Dependia de confiar em Deus e suas promessas. O caminho para o êxito da pregação de Jesus não estava em alguma explicação do reino, mas estava no apelo à fé e confiança. Aqueles que creram na palavra de Jesus, embora não compreendessem o sentido espiritual da sua mensagem, aceitaram as obras de Jesus como obras de Deus, como se verificou no caso de Nicodemos, por exemplo. Foi na base da sua experiência pessoal com Jesus que os discípulos, em certa altura do ministério de Jesus, disseram: *"Para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna"* (João 6.68). Também na noite em que Jesus foi traído, os discípulos disseram: *"Agora conhecemos que sabes tudo, por isso cremos que saístes de Deus"* (João 16.30). Assim Jesus chegou a ser conhecido e reconhecido pelos homens não por alguma apresentação doutrinária ou teológica de sua mensagem, mas através das experiências que tiveram com ele. Foi este o método de Jesus. Ele não se apresentou, dizendo, eu sou, mas ele foi achado pelos homens como o Filho de Deus.

O método divino de Jesus é, aparentemente, paradoxal, porém, para realizar a sua obra, seu método era o de sofrer e de dar a sua vida em resgate de muitos (Mateus 20.28). Depois de ter

sido confessado, como o Filho de Deus, Jesus começou a ensinar publicamente ser necessário *"que o Filho do Homem padeça muitas coisas e seja rejeitado dos anciãos e dos escribas, e seja morto, e ressuscite ao terceiro dia"* (Lucas 9.22). Em certa ocasião, mais tarde, Jesus disse: *"Quando levantardes o Filho do Homem, então conhecereis que eu sou"* (João 8.28). Nesta palavra de Jesus temos o método pelo qual também nós devemos apresentá-lo aos homens para ser conhecido como Cristo. Depois da sua ressurreição, Jesus Cristo disse: *"Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória". "Assim convinha que o Cristo padecesse e ao terceiro dia ressuscitasse dos mortos, e em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados"* (Lucas 24.25,46,47). Foi este o método de Jesus para consumir a sua obra de redenção.

No capítulo seguinte vamos verificar que, a obra de Cristo não se completou, quanto a sua interpretação por parte dos homens, como o termino do seu ministério terreno, incluindo-se a sua morte e ressurreição. Jesus apenas *"começou"* não só a fazer, mas também a ensinar, declara Lucas (Atos 1.1). A interpretação e aplicação prática da obra de Jesus foi levada a efeito pelo Espírito Santo nos apóstolos e nos cristãos em geral até os nossos dias. A experiência e a fé dos apóstolos em Jesus e nos outros deram lugar e prepararam o terreno para o Espírito Santo atuar neles e no mundo. A nossa tarefa, pais, é levantar o Jesus da História diante dos homens. Pois ele mesmo disse: *"E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim"* (João 12.32), Disse isto com referência à sua morte, que já se verificou na História. O que falta agora é nós levantarmos o seu significado na nossa própria experiência e através do nosso testemunho diante dos homens para que o Espírito Santo o glorifique neles como Senhor e Cristo.

A GLORIFICAÇÃO DE JESUS PELO ESPÍRITO SANTO

A obra da revelação e redenção do ministério de Jesus era, também, a obra do Deus Pai e do Espírito Santo. No seu ministério Jesus não pode completar esta obra nos seus discípulos. Ela foi completada pelo Espírito Santo no Pentecostes. No seu processo, esta obra, como toda obra divina nos homens, estava condicionada as limitações do conhecimento humano. Durante todo o ministério de Jesus os discípulos pouco ou nada entenderam as obras e ensinamentos do seu Mestre. Mesmo na noite em que Jesus foi traído, os discípulos lhe pediram: *"Mostra-nos o Pai"*. Ainda não tinham compreendido que aquele que vê a Jesus vê também o Pai. Mesmo nessa ocasião de despedida, disse-lhes Jesus: *"Ainda muita coisa tenho a dizer, mas vós não podeis suportar agora"* (João 16.12). Depois acrescentou: *"Quando, porém, vier o Espírito Santo, ele vos guiará em toda a verdade"*. Convém que eu vá, pois do contrário o Espírito Santo não virá. O Espírito Santo só pôde operar nos discípulos depois que Jesus completou a sua obra e também a do Pai e, ainda mais, só depois de Jesus ter se ausentado deles. Esta necessidade estava condicionada pela própria natureza humana ou pelo próprio processo do conhecimento.

A experiência empírica é insuficiente para os homens terem uma compreensão racional do significado ético das coisas. Nem mesmo uma experiência empírica de origem divina é bastante, como se verificou com os discípulos que tinham tido experiências com Jesus durante o seu ministério, e que, mesmo assim, não o haviam compreendido. A experiência empírica só pode despertar a curiosidade da mente com referência àquilo que é objetivo, imediato e humano. A mente humana com seus próprios recursos não alcança a esfera divina e ética, e não pode transpor as Imitações do raciocínio a não ser quando dinamizada e guiada pelo Espírito Santo que é o Espírito da Verdade, e interprete de Jesus Cristo ou a própria Verdade em pessoa.

O Espírito Santo capacitou o próprio Jesus para a obra do seu ministério. Ele mesmo o declarou quando em Nazaré citou o

profeta Isaías e disse: "*O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração*" (Lucas 4.18). Era a finalidade do Espírito Santo capacitá-lo para atuar dentro da forma e alcance da experiência empírica. As obras de Jesus eram obras de Deus Pai. Eram "*sinais*" ou credenciais de que Jesus era ungido por Deus. Para que os homens conhecessem a Jesus como divino era necessário que desse provas ou que operasse obras que só Deus podia operar. Por isso, disse Jesus: "*credes em Deus*", o que era base para que eles cressem também em Jesus, pois fazia as obras de Deus.

A atuação de Deus e a atuação de Jesus, credenciado na esfera empírica dos discípulos, que creram nele, não os levou ainda à compreensão do significado espiritual e ético de Jesus como pessoa divina. Não pode haver entendimento ou conhecimento racional e ético apenas com dois fatores na esfera empírica, embora sejam ambos de origem divina, para que os homens entendam os significados pessoais e éticos. Isso não pode vir dos próprios homens ou da sua experiência empírica. Isto só pode vir como dom de Deus, ou mediante a operação do Espírito Santo como pessoa divina, que é operante na esfera das personalidades e não só das experiências empíricas. A verdade não se limita às experiências empíricas. Não está nelas. A operação do Espírito Santo transcende o que é imediato e traz ao homem a verdade espiritual e eterna. O conhecimento da verdade vem ao homem, pois, pela atuação das três pessoas divinas, quando o homem aceita pela fé a obra divina na esfera empírica.

Por outro lado, porém, a operação de Deus e a do Espírito Santo naqueles que não creram nas obras de Jesus e não creram nele, levou-os a sentir e a reconhecer, pelo raciocínio, o seu estado pecaminoso. No Pentecostes, por exemplo, reconheceram com as suas próprias capacitações morais e mentais o seu pecado, a justiça que deviam ter cumprido e o juízo ou responsabilidades pelas conseqüenciais. O raciocínio, limitado à esfera humana e

sem fé, nada mais pode entender ou alcançar do que as consequências dos seus atos. Quem não crê em Jesus como pessoa divina, nada mais pode entender ou conhecer a não ser a sua própria condenação. Foi o que aconteceu no Pentecostes com aquelas pessoas que haviam crucificado a Jesus. Compreenderam o que Deus fizera com o Jesus Crucificado; compreenderam o seu próprio pecado e derrota, e compreenderam ainda que só lhes restava como consequência o juízo e a justiça. Perguntaram, então, a Pedro e aos demais apóstolos: "*Que faremos, varões irmãos?*"

Em face dos acontecimentos empíricos no Pentecostes, a diferença entre aqueles que não haviam crido em Jesus e os discípulos que creram nele, foi que, os primeiros, viram naquilo que estava acontecendo uma atuação divina de Deus Pai e do Espírito Santo e a sua própria derrota e condenação. Estes, compungidos, perguntaram então: "*Que faremos?*". Os discípulos, porém, como Pedro, por exemplo, pela atuação do Espírito Santo, compreendiam o que estava acontecendo, e podiam explicar o significado universal da atuação de Deus, coisa que nunca tinham compreendido antes. Puderam orientar os outros que só sabiam que estavam perdidos e perguntaram: "*Que faremos?*". Mesmo antes do Pentecostes, no dia da ressurreição, Jesus Cristo já ilustrara simbolicamente aos discípulos o significado da atuação do Espírito Santo. Disse-lhes que seriam enviados por ele para tratar e solucionar nos homens o problema dos seus pecados (João 20.22,23).

No Pentecostes o Espírito Santo completou a obra da revelação ou da redenção de Deus, o Pai, e do Deus, o Filho, na experiência empírica e histórica, e que era também espiritual e ética. Também iniciou o Espírito Santo a obra propriamente dita de interpretar e glorificar o Jesus da História como o Cristo e Senhor na vida dos homens. No evento do Pentecostes operou Deus, o Pai, na experiência sensível e visível e cumpriu a sua promessa. Nesse evento operou também o Cristo ressurreto e glorificado junto ao Pai, entregando os discípulos ao cuidado do

Espírito Santo. E o Espírito Santo, em experiência visível e espiritual, glorificou o Cristo na vida desses discípulos, capacitando-os a atuar como seus interpretes e testemunhas. Os que haviam crido em Jesus como vindo de Deus, embora não compreendessem, então, a sua obra, no dia de Pentecostes abriram os olhos mentais e entenderam de uma vez por todas o que acontecera. E, através desta experiência, constituíram em uma comunidade espiritual. Pela virtude do Espírito Santo operando neles, os discípulos tornaram-se testemunhas de Jesus Cristo. Por outro lado, os que não haviam crido em Jesus e nas obras do seu ministério, foram, moral e mental mente, levados a sentir e reconhecer no Pentecostes o seu pecado e foram capacitados, na sua vontade, para se arrependerem e crerem em Jesus como Salvador.

3

A PROPAGAÇÃO DO EVANGELHO PELO TESTEMUNHO DOS CRENTES.

Com a vinda do Espírito Santo, no Pentecostes, teve início a expansão do Cristianismo. Iniciou-se, também, o seu estabelecimento como religião histórica. Não é nosso propósito, relatar aqui o começo dos vários aspectos do Cristianismo histórico. Vamos notar tão somente o destaque que teve a pessoa de Jesus Cristo na propagação do Cristianismo até este penetrar em todo o império romano ou no mundo conhecido de então. O progresso da expansão do Cristianismo no primeiro século de sua história até chegar aos confins da terra, é de suma importância para nós, pois sentimos a necessidade de apressar a propagação desse mesmo Cristianismo no mundo de hoje. Precisamos voltar as nossas vistas para os cristãos primitivos e aprender deles o segredo do seu progresso.

No presente capítulo vamos abordar apenas a expansão do Cristianismo no primeiro século, deixando a expansão do segundo e terceiro séculos para o capítulo seguinte. Podemos estudar a história do primeiro século em três partes: 1) Propagação do Cristianismo em Jerusalém; 2) Propagação na Judeia e Sumária; 3) Propagação até os confins da terra. Como fontes de informação temos o Novo Testamento, particularmente o livro de Atos, e as epístolas escritas no período abrangido pela história do livro de Atos, e as epístolas posteriores a este período entre as quais destacamos a Carta aos Hebreus e o livro de Apocalipse. Neste capítulo, repitamos, verificaremos apenas o lugar dado à pessoa de Jesus Cristo neste período inicial da expansão do Cristianismo.

A formação do Cristianismo e a sua propagação como religião histórica foi resultado exclusivo do testemunho e da interpretação da pessoa de Jesus Cristo. Notar este fato é essencial a orientação da obra de evangelização e missionária em qualquer tempo e lugar. O Cristianismo implantou-se e propagou-se pelo método que Jesus Cristo mesmo seguiu no seu exemplo e ensino. Os discípulos, por exemplo, foram escolhidos e treinados por Jesus para que dessem muito fruto e fruto que fosse permanente. Os discípulos tiveram convívio com Jesus, experiência que foi interpretada pelo Espírito Santo e tornou-se vida e poder neles. A tarefa dos discípulos era a de serem testemunhas de Jesus em Jerusalém, na Judeia, em Sumária e até os confins da terra. Este era também o método e o programa geográfico para a sua obra. É mediante o testemunho e a interpretação da pessoa de Jesus Cristo feita pelos apóstolos e outros cristãos que o Cristianismo se estabeleceu e é, nesta mesma base, a nosso ver, que a história do Cristianismo precisa ser estudada.

Na declaração de Jesus: *"ser-me-eis testemunhas"* está implicitamente revelado que o Cristianismo essencial é o Cristo implantado nos homens através da sua experiência com Jesus, interpretada pelo Espírito Santo. O Cristianismo não consiste primariamente em doutrina, nem instituição, mas, sim, na presença

do próprio Cristo nos cristãos. É pela obra do Espírito Santo que Jesus foi feito Cristo e Senhor. Pela interpretação e divulgação deste fato pelos apóstolos surgiu o Cristianismo como religião histórica. O Cristianismo essencial, repitamos, é o Jesus da história como Cristo nos homens.

Este fato nem sempre tem recebido de nós a devida atenção. Para compreendermos a situação do Cristianismo em qualquer período da história, precisamos verificar o destaque que nele foi dado à pessoa de Jesus Cristo. Também, se desejamos avivar a nossa evangelização, precisamos dar a devida atenção à pessoa de Jesus Cristo. Precisamos distinguir entre o Cristianismo essencial e o Cristianismo histórico que procuramos implantar nos homens. O método e êxito para isto não depende de formularmos uma doutrina ou teologia de evangelização, nem do aperfeiçoamento dos nossos meios de comunicação. Tudo isto, certamente, tem o seu lugar ou utilidade. O método essencial, porém, deve ser o nosso próprio testemunho do que significa Jesus Cristo para nós. Frequentemente proclamamos a divisa: "Cristo, a única esperança", o que é básico e essencial. Mas que sentido tem esta afirmação para nós mesmos e para o mundo? Que testemunho e interpretação podemos dar e realmente damos sobre o que significa esta declaração na nossa própria experiência?

Desejamos aqui despertar a atenção dos leitores para este assunto, mas não podemos examinar em pormenores a sua importância. Chamamos a atenção para que, no estudo da história eclesiástica, verifiquemos o lugar que a pessoa de Jesus Cristo tem tido nos vários períodos da história. Abordamos, aqui, apenas o destaque que a pessoa de Jesus Cristo teve na propagação do Cristianismo no período do Novo Testamento.

1. A Propagação do Cristianismo em Jerusalém. O Cristianismo como realidade histórica surgiu no Pentecostes. Surgiu com a vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos e com a interpretação que estes fizeram depois da pessoa de Jesus com quem tiveram convívio durante o seu ministério. No Pentecostes

os apóstolos tornaram-se e passaram a atuar como testemunhas de Jesus Cristo e do que Deus fizera com ele. Eram testemunhas, por exemplo, de que Deus o ressuscitou dos mortos. Este testemunho dos apóstolos inicialmente era acompanhado pelas maravilhas com que Deus glorificou o seu Filho.

Como resultado da obra do Espírito Santo nos apóstolos e do testemunho que estes deram de Jesus Cristo, surgiu em Jerusalém uma nova comunidade espiritual cujas características estão descritas em Atos 2.42-47 e 4.32-34. Os que creram em Jesus Cristo, ou os que se converteram pelo testemunho dos apóstolos, formaram uma nova comunidade. Esta comunidade cresceu com as conversões que resultaram do testemunho que os apóstolos deram de Jesus Cristo. A formação da comunidade era movimento espontâneo, era fruto da sua experiência interpretada. Essa comunidade e que mais tarde foi chamada de igreja. O testemunho dos apóstolos e o crescimento da comunidade inicialmente eram acompanhados pelos sinais operados por Deus como, por exemplo, a cura do coxo junto à porta do templo, cuja finalidade era glorificar a Jesus Cristo. O movimento cresceu até que a cidade de Jerusalém toda tinha sido saturada com a doutrina sobre Jesus (Atos 5.28). Os adversários admitiram que a causa do movimento estivesse no fato de que os discípulos haviam estado com Jesus (Atos 4.13). Isto revela que o que estava em foco na pregação era a pessoa de Jesus (Cristo) que tinha sido feito o Cristo. Inevitavelmente surgiu a oposição dos que eram responsáveis pela crucificação de Jesus e de quem os discípulos testemunharam ter sido ressuscitado por Deus. O Cristianismo histórico surgiu e propagou-se como resultado do testemunho que os apóstolos deram de Jesus Cristo. A nova comunidade era espontânea e espiritual e não um efeito de alguma ordem ou mandamento de Jesus. A atuação dos apóstolos era a seguinte: *“E todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar e de anunciar a Jesus Cristo”* (Atos 5. 42). O centro do movimento era Cristo. A expansão do Cristianismo em Jerusalém trouxe perseguição por parte dos adversários, que o culminou com a

morte de Estevão, que, na hora da sua morte, declarou: *"Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem que está em pé à mão direita de Deus"* (Atos 7.56). Em face das perseguições passou o Cristianismo a se propagar fora de Jerusalém e o nome de Jesus Cristo foi divulgado em toda parte.

2. A Propagação do Cristianismo na Judeia e Samaria.

Quanto ao destaque a pessoa de Jesus Cristo na propagação do Cristianismo na Judeia e Samaria e na obra missionária de Paulo até o final do período da história do livro de Atos, vamos mencionar apenas alguns exemplos desta propagação sem entrar em pormenores. Disperso devido às perseguições em Jerusalém, Filipe chegou a Samaria, e pregava ali a *"Cristo"*. Os samaritanos, que já conheciam a Jesus, ouvem agora de Filipe que esse Jesus era o Cristo. Depois disso, Filipe, divinamente dirigido, encontrou-se com um etíope que, na sua viagem de regresso para a sua terra, lia a Escritura Sagrada, e lhe anunciou "a Jesus". Anunciou a pessoa histórica de Jesus como cumprimento da profecia que o etíope estava lendo. O etíope creu e se converteu. Na conversão de Saulo no caminho de Damasco aparece em grande destaque a ação da própria pessoa de Cristo glorificado junto a Saulo. Aparece a ele como "Jesus" histórico. Aparece também junto a Ananias instando-o para ir orientar a Saulo com referência ao que ele devia fazer. Logo depois, Saulo começou a pregar em Damasco que Jesus era o Filho de Deus. O que se vê nestes casos é o destaque da pessoa de Jesus Nazareno atuando como o Cristo glorificado. Igualmente, também, a pessoa de Jesus foi a mensagem de Pedro na casa de Cornélio, quando o Cristianismo transcendeu as fronteiras da nacionalidade. Pedro relatou que o Jesus de Nazaré, ungido por Deus com virtude, *andou fazendo o bem* (Atos 10.38); como fora crucificado e ressuscitado e como todos aqueles que nele creem recebem perdão dos pecados. Esta apresentação da pessoa de Cristo como Salvador, foi o ponto máximo na pregação de Pedro na casa de Cornélio quando o Cristianismo passou para o meio dos gentios.

3. Propagação do Cristianismo até os Confins da Terra.

Na propagação do Cristianismo também entre os gentios em geral, a única mensagem anunciada pelos crentes em toda parte era a pessoa de Jesus Cristo. Sem entrar em minúcias, chamamos a atenção dos leitores apenas para alguns casos concretos. Quando, por exemplo, Lucas fala dos crentes dispersos pelas perseguições em Jerusalém, ele relata que alguns varões chíprios e cirenenses falaram aos gregos em Antioquia e anunciaram o Senhor Jesus e grande número se converteu ao Senhor e muita gente se uniu ao Senhor (Atos 11.20-21, 24). Foi na base desta pregação que implantou-se o Cristianismo em Antioquia e foi constituída ali uma igreja. Também pela mesma razão os discípulos em Antioquia foram chamados de "cristãos". A igreja em Antioquia pouco depois se tornou centro da expansão missionária, pois era constituída sobre Cristo e orientada pelos obreiros que estavam sob a orientação do Espírito Santo. No regresso da sua primeira viagem missionária, Paulo e Barnabé encomendaram as novas igrejas ao Senhor em quem haviam crido. No relatório que deram a igreja em Antioquia do seu trabalho, os missionários disseram que Deus abriria aos gentios a porta da fé.

Na história da obra missionária de Paulo, temos muitos exemplos de como, em momentos especiais e marcantes no seu trabalho, ele apresentou a pessoa de Jesus Cristo. Ao carcereiro de Filipos disse, por exemplo, *"Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo"* (Atos 16.31). A igreja em Filipos era composta de crentes em "Jesus Cristo". Em Tessalônica Paulo pregava que convinha que o Cristo padecesse e ressuscitasse dos mortos. Explicou que *"esse Jesus é o Cristo"* (Atos 17.3). Depois, no areópago de Atenas, o ponto culminante da mensagem de Paulo foi o anúncio do juízo final por meio do varão que Deus destinou ressuscitando-o dos mortos. Também no seu longo ministério em Corinto, o único assunto de sua pregação era Cristo e esse crucificado. Em sua defesa perante o rei Agripa, Paulo afirmou que a sua mensagem era que Cristo devia padecer e que ele era o primeiro a

ressurgir dos mortos, e que o devia anunciar como a luz ao povo judaico e aos gentios.

Verificamos, portanto, que na pregação de Paulo e dos cristãos primitivos em geral, a pessoa de Jesus Cristo era a única mensagem. E que foi por meio dessa qualidade de pregação que o Cristianismo penetrou e implantou-se nos principais centros do império romano. Foi nesta fase que a expansão do Cristianismo chegou ao ponto máximo na sua marcha essencialmente evangelística e sem problemas de natureza especulativa. Na pregação dos apóstolos e dos outros cristãos do primeiro século até esta altura a pessoa de Jesus Cristo e a sua obra de redenção eram apresentadas como fatos de experiência sem qualquer tentativa para interpretações doutrinárias e especulativas. A pregação do Cristianismo, como vimos, era essencialmente o testemunho pessoal dos cristãos, ou sua experiência com Jesus Cristo, e apelo para que os homens cressem nele.

Na parte final do primeiro século da era cristã, porém, em face das provações e desânimo causados pelas perseguições, muitos cristãos judaicos começaram a enfraquecer na fé e a se inclinarem a voltar para o judaísmo. Surgiu, então, a necessidade de uma defesa do Cristianismo e de exaltar a salvação cristã em face do judaísmo. E a situação refletida na Carta aos Hebreus, por exemplo. Sua finalidade é doutrinar e fortalecer os crentes e evangelizar os não crentes. A finalidade da carta é mostrar a superioridade do Cristianismo sobre o judaísmo.

No fim do primeiro século, o Cristianismo histórico na revelação do Apocalipse aparece com suas formas e atividades externas estabelecidas como sejam, por exemplo, a observação do dia do Senhor, a posição das igrejas comparada a castiçais de ouro, as igrejas entregues ao cuidado de pastores, também cada igreja tendo seus próprios problemas e lutas. O Cristianismo apresenta-se organizado e em condições de prosseguir como religião histórica. Além da situação já existente, a revelação de Cristo a João, prediz também as coisas que ainda hão de acontecer

e a necessidade de as igrejas ouvirem a mensagem de Jesus Cristo através dos seus pastores sob a orientação do Espírito Santo.

A partir do segundo século, com o desaparecimento dos apóstolos e da influência pessoal dos cristãos primitivos, começaram a surgir entre alguns líderes do Cristianismo, em face de perseguições e heresias, várias tendências de se interpretar criticamente ou em termos racionais a pessoa de Jesus Cristo em si. Eram tendências despertadas pela filosofia e ideias religiosas pagãs. Mesmo assim, durante esta transição para o método especulativo, perdurou ainda por algum tempo a pregação de testemunho de experiência pessoal pelos cristãos do primeiro século. A obra da redenção de Cristo que ainda não era interpretada doutrinária, mas praticamente. A morte de Cristo na cruz continuava sendo considerada como a coroa da obra redentora e a única mensagem da pregação, como ela tinha sido, por exemplo, para Paulo em Corinto (1Co 15.3,4). A fé era primordial para salvação.

Ao mesmo tempo, porém, no prosseguimento da história e com o desaparecimento da influência direta dos cristãos do primeiro século, começaram a surgir nas igrejas e na pregação, as já referidas tendências para uma interpretação crítica da pessoa de Jesus Cristo. Ao invés de ser crida, a sua pessoa começou a ser analisada criticamente. Perguntava-se, por exemplo, se Jesus Cristo era divino ou humano; se era Filho de Deus ou o Filho do Homem e como estas ideias podiam ser harmonizadas. Esta mudança no interesse, no pensamento e na pregação é assunto maior do que podemos examinar nesta obra. Mencionamos apenas a mudança que se verificou quando a pregação apostólica passou para a pregação dos séculos posteriores. Mencionamos apenas alguns aspectos gerais desta fase que, a nosso ver, poderão nos ajudar a entender o ambiente e os problemas do Cristianismo histórico em qualquer tempo, inclusive o nosso.

Precisamos reafirmar que esta tendência crítica surgiu em face de heresias, umas negando, por exemplo, a divindade de

Jesus Cristo, e outras negando a sua humanidade. Havia necessidade de doutrinar as igrejas em face de tais problemas e outros semelhantes, vindos de fora. Quando, porém, o cristão precisa defender-se contra os ataques do mundo, ou quando ele precisa defender aquilo em que crê em face de desafio das heresias, ele corre o perigo de abandonar a sua fé genuína e pessoal e de se enveredar para a especulação. A pregação realmente cristã é o testemunho pratico da fé em Cristo e não uma resposta doutrinaria a perguntas dos que nele não creem. Na evangelização a exposição doutrinária nunca pode substituir o testemunho da fé e da experiência pessoal com Cristo.

Nos primeiros séculos depois do período apostólico, até 320 A.D., por exemplo, os teólogos, embora já tivessem os seus pensamentos despertados para assuntos de controvérsias cristológicas, mantiveram ainda uma posição genuinamente evangélica com referência a pessoa e obra de Jesus Cristo. Jesus Cristo continuou a ser crido e pregado como o único e suficiente mediador entre Deus e os homens. A sua morte na cruz era considerada fato essencial na obra redentora. O sofrimento de Cristo era considerado vicário. Os escritos dos teólogos deste período geralmente pouca referência fazem a ideias especulativas. Não havia ainda esforços para se formar algum sistema de teologia. Também os assuntos básicos do Cristianismo ainda não eram estudados em profundidade ou exaustivamente. A aceitação da pessoa de Jesus Cristo era essencialmente prática. Clemente de Roma diz, por exemplo, que o sangue de Cristo foi derramado para a nossa salvação e trouxe a graça de Deus e a chamada ao arrependimento dirigida ao mundo inteiro. A morte de Cristo traz, diziam os teólogos, a salvação e a vida eterna. Era o período da expansão do Cristianismo pela pregação evangelística sem nenhuma ênfase direta a interpretação especulativa. Como resultado desta expansão evangelística, o Cristianismo histórico chegou a predominar no império romano a partir do reinado de Constantino. A fé cristã como aceitação da graça de Deus, porém, começou a sofrer, neste período, a influência de tendências para o

sacramentalismo. A ênfase no batismo, ascetismo, obras externas, por exemplo, começou a enfraquecer a vitalidade da fé cristã.

4

O OBSCURECIMENTO DA FÉ EM CRISTO NA HISTÓRIA

As controvérsias em torno da pessoa de Jesus Cristo no período a partir de 320 a 726 obscureceram a fé genuína nas igrejas. O reinado de Constantino trouxe, naturalmente, uma época de polemicas. O período anterior não tinha solucionado os problemas doutrinários. Tinha sido antes, um período de pesquisa. Nada, porém, de positivo nele se fez para o estabelecimento de algum sistema doutrinário cristão.

Os ebionitas e gnósticos tinham sido superados. Também os antitrinitarianos ou unitarianos tinham sido condenados. Por outro lado, no entanto, no campo doutrinário posições definidas estavam se formando. Estas iniciativas, porém, ainda não tinham força para enfrentar oposições caso surgissem. A Igreja precisava, porém, de uma posição doutrinária sólida e construtiva. Os problemas eram difíceis e o terreno propício para divergências de pontos de vista. Os interessados em perpetuar sua posição estavam muito separados uns dos outros como estão separados, por exemplo, o cristianismo, judaísmo e paganismo. Em face destas condições, certamente, era necessário que surgissem atividades doutrinárias serias. As organizações de monges existentes facilmente se entregaram a discussões doutrinárias. Nisto, porém, havia mais perda de tempo do que proveito.

No longo período de 320 a 726 os autores católicos tinham se limitado a afirmar apenas que Cristo é Deus homem sem entrar em nenhuma interpretação maior. Nesta situação surgiu a controvérsia

entre Ário e Apolinário. O arianismo negava que o Redentor tivesse uma alma racional humana. Acusava os católicos de substituírem as suas naturezas em um Cristo único. Substituiu o corpo e a alma racional com o logos ou o Verbo que se tornou carne.

Apolinário, mesmo gozando de respeito entre os teólogos de Nicéia, desafiou seus adversários que não puderam negar a manifestação da natureza humana em Cristo. O melhor pronunciamento sobre a humanidade de Cristo veio da escola de Antioquia na pessoa de Teodoro Mopsuestia. Esta escola considerou a união apenas como sendo moral ao invés de uma união completa. Por outro lado, a escola de Alexandria permaneceu com os teólogos de Nicéia que subordinaram a natureza humana de Cristo à sua natureza divina. Insistiram mais na unidade do que nas distinções. Estas duas escolas entraram em choque nas pessoas de Nestório, de Constantinopla, e Cirilo de Alexandria. Esta controvérsia agitou o concílio de Éfeso, em 431, onde Nestório foi banido. O partido de Cirilo, por outro lado, começou agitar a ideia a favor da unidade da natureza de Cristo. Eutico, de Constantinopla, tornou-se representante deste partido e foi condenado pelo sínodo de Constantinopla, em 448. A sua causa, porém, foi defendida por Dióscurus, bispo de Alexandria, juntamente com uma grande parte da Igreja no Egito. O sínodo de Éfeso em 449, dominado por este partido, declarou-se a favor de Eutico.

Os extremistas destes dois partidos não estavam satisfeitos com tal decisão. Formou-se, finalmente, um partido a favor da doutrina de Nestório. De outro lado, porém, o ramo radical de Cirilo começou agitar a doutrina de uma única doutrina de Cristo. Esta doutrina foi derrotada depois pelo concílio de Calcedônia, em 451, o qual é considerado o principal na história da Igreja. Quanto aos méritos desse conflito, porém, os teólogos tem estado divididos.

Uma demorada agitação veio depois do concílio de Calcedônia, mas sem resultado definido e satisfatório para todos.

Quanto à doutrina da obra da redenção foi tratada com relação ao domínio de Satanás. As discussões em torno da pessoa de Cristo, como se vê, eram apenas especulativas e não apresentavam fatos ou experiências que se encontram nas Escrituras Sagradas.

Durante o longo período de 871 anos, isto é, de 725 até 1517, a Igreja Ocidental ou Latina teve muito maior destaque na atividade teológica do que a Igreja Oriental ou Grega. Esta, no período anterior, teve maior influência e praticamente terminou com a controvérsia Monotélica. Os teólogos gregos se limitaram a sistematizar as ideias dos escritores do período que precedeu. A causa da sua estagnação e uniformização doutrinária foi o despotismo imperial. Este procurou estabelecer uma conformidade com os padrões ou fórmulas antigas, vazias de verdade e de pouco interesse para o povo e de pouco estímulo para iniciativas opostas de teólogos particulares. O exemplo mais eminente deste fato foi Joao Damasceno (676-756). Foram eminentes no combate as imagens. Joao Damasceno pode ser considerado como precursor do escolasticismo da Igreja Latina. Os movimentos posteriores desta Igreja não tiveram nenhum efeito maior sobre a Igreja Grega. A partir de Joao Damasceno a nossa atenção limita-se quase totalmente ao Ocidente, ou a formação do catolicismo romano. Também, aqui, a atividade teológica não visava descobrir maior conhecimento da verdade, mas sistematizava o que em séculos anteriores a Igreja tinha já incluído na sua fé. Discussões em torno da fé autorizada na maioria dos casos eram fenômenos locais e limitados. No próprio misticismo, no entanto, não era mantida nenhuma uniformidade restrita no espírito e na crença. O misticismo, com seus diferentes tipos, eram frequentemente evidentes. O Cristianismo latino da Idade Média era muito diferente do catolicismo romano de hoje.

Na Idade Média, as atividades teológicas referentes à pessoa de Cristo eram poucas. Podem ser resumidas sob os seguintes tópicos: 1) Teoria de João Damasceno; 2) adocianismo; e 3) Os ensinamentos da Igreja Latina, surgidos depois do adocianismo, os quais serão apenas abordados. João Damasceno ensinou que a natureza

humana de Cristo nunca teve uma personalidade propriamente sua; Ensinou que no Deus-Homem o elemento de personalidade foi constituído pelo Logos pré-existente, e que daí resultou uma espécie de interpenetração.

A Igreja Ocidental, desde os seus primórdios, revelou um interesse bastante forte na natureza humana de Cristo. Enquanto o monofisismo teve aceitação na maior parte do Oriente, o seu obscurecimento dos atributos humanos do Redentor atraiu pouca atenção no Ocidente. O "adocianismo", no Ocidente, pode ser considerado, pois, como a manifestação culminante da tendência para enfatizar o reconhecimento da natureza humana em Cristo. O "*adocianismo*" foi condenado por vários sínodos no fim do século VIII e considerado como uma heresia derrotada.

O adocianismo afirmava que, quanto a sua natureza humana, Cristo não era naturalmente o Filho de Deus, e que, para tornar-se Filho de Deus, precisou ser adotado. Na sua humanidade o Cristo adotado é o cabeça da Igreja da qual os crentes, como filhos adotivos são os membros. O momento na vida terrena de Cristo quando esta adoção se verificou, porém, não ficou definido. A maioria, porém, favoreceu a ideia de que foi por ocasião do seu batismo. O adocianismo parecia a Igreja como um avivamento do nestorianismo. Daí o argumento de Alcuin de que nenhum pai pode ter um filho que seja, ao mesmo tempo, filho por natureza e também por adoção.

Depois da controvérsia em torno do adocianismo houve na Igreja Latina uma forte inclinação para uma cristologia antes apresentada por Joao Damasceno. A teologia medieval, inclinada para este tipo, ensinou não somente que o Filho de Deus assumiu natureza humana, como distinta da pessoa humana, mas também permitiu que a sua humanidade ficasse apenas no fundo quando comparada com a sua divindade. Esta falta da apreciação da natureza humana de Cristo talvez seja uma das razões por que o espírito de devoção da Igreja Latina voltou-se para a virgem Maria e os Santos.

A propósito, Pedro Lombardo, por exemplo, levantou a

questão se Deus, em virtude da encarnação, tornou-se alguma coisa que não era antes, ou se o homem se tornou Deus. A sua resposta foi negativa. Com isto deu a entender que a natureza humana foi incorporada na pessoa divina apenas como um adjunto externo.

A doutrina mais radical referente à capacidade dos atributos divinos receberem a natureza humana aparentemente não teve uma acolhida geral. Hugo St. Victor ensinou, por exemplo, que se o Espírito foi dado à natureza humana de Cristo, sem medida, o conhecimento de todas as coisas deve ter sido também atribuído à sua alma humana.

Também Tomaz de Aquino dizia que, enquanto a alma de Cristo não compreende a essência de Deus ou não conhece as potencialidades nela inerentes, ela (a alma), através da Palavra pode compreender todas as coisas na esfera de criaturas. Assim como Tomaz de Aquino negou a onisciência à alma de Cristo, assim, lhe negou, também, a onipotência. Boaventura considerou os atributos divinos como pertencentes à natureza humana de Cristo só na base de que tudo o que está dentro da pessoa pode ser considerado também como propriedade de qualquer personalidade e não apenas como uma comunicação. Ele diz que não é possível à alma de Cristo ser feita igual à Palavra ou em conhecimento em qualquer outra coisa. Duns Scotus é mais enfático em afirmar a capacidade da humanidade receber a divindade e ensinou que a alma de Cristo vê na Palavra divina tudo o que a própria Palavra vê.

5

O LUGAR DE CRISTO NA REFORMA PROTESTANTE (1517-1720)

Consideremos agora o período da Reforma Protestante, o mais alto da história do Cristianismo depois dos tempos apostólicos, que podemos chamar sem medo de errar, no dizer de Sheldon, de um segundo nascimento do Cristianismo. Este segundo nascimento do Cristianismo compara-se ao do primeiro século dada a sua semelhança em romper a oposição e no fato de sua expansão. No primeiro século o Cristianismo rompeu o legalismo farisaico e conquistou lugar na vida religiosa do povo judaico. O Cristianismo da reforma rompeu o catolicismo romano e iniciou uma era de progresso que ainda continua. Com isto deu provas de ser uma providência divina. Na Reforma, o Cristianismo conquistou as melhores oportunidades e perspectivas que o mundo de hoje ainda possui. Apesar de os homens cometerem alguns erros temporais o Cristianismo abriu as portas para uma época de progresso permanente. Não pretendemos dar aqui um relato do que foi a Reforma nem mesmo em resumo. Vamos apenas mencionar os princípios que tiveram realce e que constituíram a vitalidade do movimento, para depois focalizarmos o lugar de Cristo nesse movimento.

A Reforma libertou o indivíduo da escravidão do eclesiasticismo romano e o encaminhou para uma relação direta com Cristo. A ênfase inicial à doutrina da justificação pela fé foi realmente um passo decisivo por parte do indivíduo para se libertar do domínio absoluto da hierarquia eclesiástica. Desde o término do período das cruzadas já existia uma crescente relação contra as restrições eclesiásticas. Como exemplos, podemos citar as vozes de Wycliffe, Huss e Savonarola. A renascença ou o estudo dos clássicos antigos e o misticismo crescente preparou o povo para receber a experiência de Lutero que colocou sob a luz meridiana a ideia da justificação pela fé. A Reforma começou com os princípios essenciais e atos positivos da alma do indivíduo. Seu ponto de partida era o princípio da fé dirigida diretamente para Cristo como único e suficiente Salvador. Podendo dirigir-se diretamente a ele, o indivíduo não dependia mais do sacerdote humano. Em face da oposição que enfrentou, Lutero foi levado a

confirmar que a Escritura Sagrada é a única autoridade em matéria de fé. Chegou à conclusão de que nem o papa e nem concílio algum pode ser infalível. A única autoridade na religião é a Palavra de Deus e ela mesma é sua verdadeira intérprete. O Espírito de Deus que está no cristão revela a este o espírito das Escrituras. O único intérprete das Escrituras, portanto, é a consciência cristã do indivíduo.

A diretriz da Reforma, com que ela se apresenta no desenvolvimento pessoal de Lutero, pode ser considerada como representativa da própria Reforma em geral.

Prosseguindo em bases bíblicas, a Reforma aproximou-se do padrão da Igreja primitiva. Mas mesmo assim, o Cristianismo da Reforma não pode ser definido como uma restauração do Cristianismo primitivo a não ser que consideremos esse Cristianismo como o do período posterior aos apóstolos. A Reforma percebe a ideia da justificação pela fé distinguiu entre a Igreja visível e a invisível; afirmou as condições puramente subjetivas da salvação com tal clareza que não encontramos na literatura nem mesmo do primeiro século. Isto tudo era resultado natural das condições diferentes das duas épocas.

Qual foi o objetivo natural ou lógico dos princípios da Reforma? Em face do exposto, é *a liberdade religiosa universal*. Este princípio logicamente proíbe toda coerção a uma fé genuína. Os reformadores, no entanto, não eram todos fiéis a este princípio. Lamentavelmente, eles próprios quebraram a liberdade e a tolerância religiosa. No decorrer do tempo, porém, e de acordo com a lógica do caso, estes princípios constituem a base natural da liberdade religiosa. As faltas do protestantismo não estão nos seus princípios, mas na sua aplicação imperfeita pelos homens.

Embora a Reforma tenha sido como um segundo nascimento do Cristianismo, no dizer de Sheldon, não podemos dizer que a sua volta a Cristo fosse idêntica àquela que houve no tempo apostólico. Embora fosse o maior movimento depois dos tempos

apostólicos, a Reforma deixou de alcançar a vitalidade que teve o Cristianismo de então. A Reforma libertou o indivíduo do romanismo e o encaminhou para uma relação direta com Cristo. Esta relação, porém, baseava-se mais numa teologia da liberdade religiosa individual e não primariamente no conhecimento da própria pessoa de Jesus Cristo. A justificação pela fé era mais uma questão de convicção ou doutrina religiosa e não uma experiência pessoal genuína e direta com Cristo que pudesse constituí-los testemunhas da pessoa de Cristo, e não apenas da veracidade de princípios como inerentes direitos humanos.

A Reforma não produziu, pois, nenhum movimento evangelístico espontâneo semelhante à expansão do Cristianismo no primeiro século através das atividades dos cristãos como testemunhas de Jesus Cristo.

A cristologia da Reforma desenvolveu-se principalmente nos moldes do luteranismo cujo ponto de partida era a inclinação mística do próprio Lutero. Ele cria positivamente na receptividade da natureza humana com que esta recebia a natureza divina, fato este que verificava particularmente no momento da presença de Cristo na eucaristia. Quando pressionado para aplicar como podia o corpo de Cristo estar no céu à destra de Deus e ao mesmo tempo estar também em muitos lugares na terra, Lutero deu a entender que estar à destra de Deus implica, não uma localidade específica, mas um estado de suprema majestade e poder. Formulou, então, a teoria de que, em virtude da união das duas naturezas, a ubiquidade, ou o intercâmbio das características humanas e divinas, é comunicada ao corpo de Cristo. Era uma teoria comparativamente nova.

Na Reforma a ideia da pessoa de Cristo era assunto de controvérsias mesmo entre Lutero e Melancton. Este rejeitou a ideia da ubiquidade. As escolas teológicas de Tübingen e Gießen seguiam as ideias de Lutero. Diziam que a onipotência pertence a Cristo como homem. Os teólogos da Reforma se mantiveram na base do credo de Calcedônia, mostrando interesse na natureza

humana de Cristo. A ideia dos católicos era a de que o conhecimento de todas as coisas, passadas e vindouras, foi atribuído a alma humana de Jesus. Estes pontos revelam, por exemplo, como na Reforma a pessoa de Jesus Cristo ainda era assunto de especulação, o que enfraqueceu a vitalidade do Cristianismo. Embora a Reforma fosse um grande marco no reavivamento do Cristianismo histórico, a mesma sofreu da fraqueza vinda de origens distantes quando os teólogos ao invés de crerem em Jesus como está revelado nas Escrituras, começaram a analisar especulativamente a pessoa de Jesus Cristo. Daí surgiram teorias que muito prejudicaram a experiência do homem com a pessoa de Cristo como Salvador e Senhor que, nesta qualidade, precisa ainda ser levantado para ser crido pelos homens.

6

CRISTO COMO ESTÍMULO DO PROGRESSO MODERNO

A ideia de progresso como resultado da iniciativa e esforço voluntário por parte do homem é relativamente recente. Hoje, quando pensamos no progresso material, geralmente temos a ideia apenas do esforço e desenvolvimento nas ciências ou na tecnologia, o que é falso. Em última análise, o progresso tem a sua origem, direta ou indireta, na influência do Cristianismo ou da obra de Jesus Cristo. O progresso que observamos no tempo atual está relacionado também com o progresso do Cristianismo moderno.

Para compreendermos, porém, o lugar de Cristo na motivação primária ou básica do progresso, precisamos focalizar primeiro o

conceito de progresso em tese, para podermos entender suas origens e processos. Não estamos interessados aqui, necessariamente, nos aspectos práticos ou fases específicas do progresso, mas, sim, nas suas motivações e processos. O nosso interesse é conhecer suas origens como fruto da influência de Cristo ou do seu espírito na vida humana.

1. O Conceito Geral de Progresso. Para particularizarmos um determinado aspecto de progresso e suas finalidades práticas como o tecnológico, por exemplo, precisamos notar que há vários conceitos de progresso. Toda transformação ou crescimento nos homens como indivíduos e em outros seres vivos é um tipo de progresso. É a expressão espontânea da vida. Basta que o ser vivo esteja cercado de recursos e colocado em ambiente apropriado para que ele se desenvolva. Basta, também, ao homem estar no universo físico para destacar-se do mesmo e procurar lançar mão dos seus recursos para se desenvolver automática e voluntariamente. Ele lança mão dos recursos físicos para sua existência e desenvolvimento orgânico. No homem há, também, o progresso mental. Como ser racional ele quer compreender as coisas e os processos das coisas que o cercam. Daí o aparecimento da sua atividade mental ou a filosofia na história pela qual o homem se distingue e transcende o meio ambiente em que vive. O homem, porém, não se satisfaz só na esfera do raciocínio ou da metafísica ou de conceitos abstratos. O homem manifesta-se como ser pessoal e social e busca relações pessoais e éticas. Através do raciocínio metafísico ele só encontra necessidades, mas não encontra a satisfação delas. Para sua satisfação ética homem precisa de relações pessoais, precisa, realizar-se nos outros ou na sociedade. Também a sociedade, por sua vez, apresenta-se ao indivíduo só necessidades ou restrições e a sua natureza teleológica. O indivíduo precisa atuar na sociedade como personalidade.

Através das suas relações sociais e com o universo físico. O homem se revela ainda como ser religioso que busca relações sobrenaturais. A consciência da existência de Deus é básica e

essencial à estrutura do homem e à sociedade como unidade. As origens ou a motivo do progresso do homem estão, enfim, na esfera religiosa ou espiritual. O homem busca progredir motivado por relações sobrenaturais.

Podemos afirmar que a ideia de progresso e da possibilidade de o homem se realizar é fruto direto ou indireto da religião ou da atuação de Deus no homem e do Cristianismo como religião histórica, em particular. Em última análise, a ideia moderna de progresso vem de Jesus como pessoa histórica. Ele é o marco central ou divisório da História. Dele vem o conceito de história como processo progressivo. Em outras palavras, Jesus é o criador da História, ele é a sua causa e finalidade. O progresso que se verifica na História não é mera evolução mecânica do homem, mas é uma luta e conquista que esse mesmo homem faz como personalidade e ser teleológico motivado direta ou indiretamente pela personalidade de Jesus.

2. O Conceito do Progresso Material ou Secular.

Geralmente quando pensamos no aspecto material do progresso, pensamos na conquista e utilização dos recursos do universo físico. O progresso, em última análise, é o desenvolvimento dos poderes ou capacidades mentais do próprio homem. Não somente ele se esforça para satisfazer suas necessidades de prolongar a existência, mas, também, com isto, ele desenvolve o seu Ser. O sustento da vida é, também, seu próprio crescimento e propagação. O ser vivo se desenvolve para suas finalidades. O ser vivo cresce para finalidades que o transcendem. Também cresce a mente do homem com a satisfação de suas necessidades.

O progresso material, porém, na base do raciocínio, é empírico, mecânico, externo e impessoal. É progresso do conhecimento limitado à matéria. Nesta esfera, mesmo sendo racional, o conhecimento não transcende a esfera material. É neutro, abstrato e externo ao próprio homem como ser pensante. É conhecimento limitado a causas e efeitos imediatos. A ciência não interpreta, por exemplo, o próprio cientista, suas origens e finalidades. Nem ele interpreta a si mesmo nem seus fenômenos.

A ciência não é uma finalidade em si mesma.

O progresso material é, e precisa ser, também, coletivo. O indivíduo faz parte do grupo e nada pode fazer sem os outros. Suas necessidades, esforços, limitações são também as dos outros. O progresso na vida social consiste em estabelecer leis, ordem, meios de intercambio, etc. Por outro lado, o homem progride na sociedade forçado por necessidades da própria sociedade. Por necessidade ele precisa de ordem, meios de comunicação, liberdade, cooperação. Inicialmente todo progresso coletivo é condicionado pela necessidade e interdependência mútua dos indivíduos. Por outro lado, o progresso social precisa ser voluntário, planejado e sacrificial em favor dos outros.

3. Origem Motivadora do Progresso Secular do Homem Moderno. Seja individual ou coletivo o progresso é obra da personalidade. Quando o homem trabalha e progride, ele atua como personalidade e despertado por outras personalidades. O homem raciocina e planeja por motivos que estão nele e também nos outros. A motivação não está, enfim, nas coisas que o homem busca, mas esta nas pessoas. Quando o homem busca progredir para fins que não são suas necessidades imediatas, a motivação será sempre alguém que é superior a ele mesmo. Todo estímulo ou despertamento de potencialidades para esforços voluntários é de alguma motivação externa.

Depois de focalizarmos estes conceitos preliminares de progresso, perguntamos: Qual é a influência ou qual é a pessoa que mais tem estimulado o progresso da vida humana? Podemos afirmar que tem sido a pessoa histórica de Jesus Cristo. Ele é não somente o Salvador e o estímulo básico do progresso do crente, mas, também, a motivação final para todas as personalidades. Foi Jesus Cristo quem criou a História como o campo da atuação dos homens e é ele quem tem motivado todo o seu progresso. Geralmente, quando pensamos em Jesus Cristo, pensamos nele só no terreno espiritual. A sua obra, porém, abrange a vida humana toda.

Para compreendermos o lugar do Cristianismo e de Jesus

Cristo na vida secular dos homens, precisamos notar logo de início que o aspecto material, certamente, não é uma finalidade imediata da obra de Cristo no mundo. A sua obra essencial é espiritual e retentiva. É a implantação do reino de Deus entre os homens e nos seus corações. A vida secular, social e econômica, porém, é fruto indireto e secundário da redenção espiritual. O homem realmente só progride ou procura desenvolver-se no sentido mais elevado do termo, quando ele mesmo está reconciliado e em paz com Deus. É só quando o homem está salvo, libertado do pecado, que ele pode entender o significado da sua vida material para orienta-la. Sem estar salvo espiritualmente o homem não pode orientar acertadamente a sua vida. Por outro lado, também é na vida material, ou nas motivações e diretrizes desta que o homem revela a condição da sua vida espiritual.

4. Alguns Problemas Modernos Relacionados com o Progresso Material dos Homens. O fato de que o Cristianismo e a pessoa de Jesus Cristo, direta ou indiretamente, constituem, em última análise, a motivação e o fator básico do progresso material do homem, exige um exame mais pormenorizado. Aqui surgem perguntas que perturbam o pensamento de muitos, perguntas que só podem ser respondidas à luz do Cristianismo. Se o progresso material, por exemplo, é fruto do Cristianismo, como entender, então, que este mesmo progresso tem trazido problemas que hoje afligem a vida humana? Por que é que surgem problemas justamente com o desenvolvimento da ciência e tecnologia? Como pode haver progresso nas ciências mesmo separado do Cristianismo ou promovido por pessoas que se dizem ateus e contrários ao Cristianismo?

Para entendermos o assunto, precisamos distinguir entre o progresso material e o espiritual; entre o progresso nas ciências e o progresso moral e ético na vida espiritual. Embora a finalidade essencial do Cristianismo seja a redenção espiritual, ou a libertação do homem do pecado, o Cristianismo não deixa de iluminar também a mente ou entendimento mesmo daqueles que nele não creem e não aceitam para serem salvos espiritualmente.

A salvação espiritual depende da fé e da vontade da pessoa; a iluminação da mente, porém, não depende da fé religiosa ou espiritual. Para o despertar mental basta apenas a experiência empírica. O homem não pode deixar de tomar conhecimento de fatos da experiência empírica. Não pode deixar de tomar conhecimento, por exemplo, do fato de Jesus histórico, ainda que não creia nele como salvador. Quem crê nele torna-se filho de Deus, mas quem não crê certamente não se torna filho de Deus. Mas mesmo assim o homem não pode deixar de tomar conhecimento de Jesus Cristo como pessoa histórica, do seu caráter, dos seus atos e do seu idealismo. Assim, a mente de todo homem, mesmo de quem não crê, é iluminada com a luz de Jesus Cristo como fato histórico. "Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens". "A verdadeira luz que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem" (João 1.4,9). Se alguém não crê em Jesus como Filho de Deus, fica conhecendo-o ao menos como o Filho do Homem, mas diferente dos outros homens no procedimento espiritual, social e material. Ninguém pode ignorar a pessoa do Jesus histórico, a sua atuação e influência na História.

O simples conhecimento histórico, porém, não é conhecimento moral ou espiritual que modifique a pessoa do conhecedor, mas apenas a sua mente. É conhecimento apenas racional, impessoal e neutro. Pelo conhecimento apenas histórico de Jesus ninguém se torna cristão, não se transforma espiritual e moral mente. Mas, mesmo não aceitando a Jesus como salvador, o homem não deixa de ser beneficiado pelo seu conhecimento histórico que ilumina a sua mente. A vida e atuação de Jesus no mundo exemplifica ou revela verdades ou princípios axiomáticos que a mente humana naturalmente aceita. O conhecimento racional a respeito de Jesus, mesmo sem fé na sua pessoa como salvador, beneficia a vida mental e material do homem. Os princípios sociais e econômicos, por exemplo, exemplificados e ensinados por Jesus e seus apóstolos e divulgados pelo Cristianismo histórico, contribuem para o progresso material da vida humana. É através do Cristianismo histórico que os homens descobriram, por exemplo,

que o universo físico não está entregue ao domínio das forças do mal, mas está entregue aos homens para ser conquistado e usado. Também é através dos homens libertados do pecado que a mente está em condições de compreender racionalmente o progresso, embora não pratique os seus princípios na vida moral.

O exame da influência do Cristianismo sobre a mente humana, independentemente da sua condição e vontade moral, esclarece a razão por que os homens, influenciados pelo Cristianismo, estão em condições de progredir nas ciências mesmo sem aceitarem os princípios morais e espirituais do próprio Cristianismo. O homem moderno tem progredido nas ciências mais do que na sua vida espiritual e moral. Existe, portanto, um desequilíbrio entre o conhecimento das ciências e a vida espiritual e moral. Os homens intensificaram, por exemplo, a sua interdependência na vida econômica, mas não aprenderam que a finalidade dos bens materiais é beneficiar coletividades e não apenas indivíduos. Os homens aumentaram os meios de comunicação e intercâmbio, mas não progrediram no espírito de fraternidade entre si. Daí os atritos e problemas sociais, econômicos e outros que hoje perturbam a humanidade. O progresso na conquista dos recursos científicos, por um lado, muito tem beneficiado as coletividades, mas por outro lado tem tomado a conduta social cada vez mais difícil e perigosa para todos. Quanto mais aperfeiçoadas as armas da ciência, por exemplo, tanto mais perigoso e prejudicial torna-se o indivíduo que só cuida dos seus interesses pessoais com prejuízo para os outros.

O progresso material moderno apresenta-se com problemas por ser um progresso apenas racional, impessoal e neutro, podendo os seus recursos científicos ser usados tanto para o bem como para o mal. Não havendo uma transformação moral no homem e aperfeiçoamento ético, o progresso material só aumenta problemas nas relações entre coletividades e classes sociais. O progresso na vida econômica realmente positivo ou construtivo, por exemplo, depende de equilíbrio entre a produção de bens materiais e o interesse de seus autores em usa-los para o bem

coletivo. Do contrário, quanto mais o homem progride no poder econômico, tanto mais problemas ele pode criar na sociedade, se cuidar só de seus interesses pessoais com o sacrifício dos outros. Os problemas econômicos são realmente efeitos de males morais e éticos.

Quando conhecemos as origens ou causas dos problemas acima mencionados, que se verificam junto ao progresso material na vida coletiva e internacional, torna-se claro por si mesmo o caminho para a sua solução. Os problemas econômicos, relacionados com o desenvolvimento e uso errado dos recursos das ciências naturais, nunca serão solucionados com os recursos das próprias ciências, sejam elas sociais ou econômicas. Esses problemas nunca serão solucionados apenas pelo combate a eles como efeitos. Conhecidas as origens dos problemas, está evidente que a solução só poderá vir com a eliminação das causas. Os males sociais e materiais, como efeitos, só podem ser combatidos, não com recursos das ciências, mas, sim, com os recursos espirituais do Cristianismo, que é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê. A ciência nunca irá curar os males relacionados com o seu desenvolvimento, pois as razões não estão nas ciências, mas na natureza moral e espiritual não regenerada dos homens. É nesse terreno, pois, que precisam ser também combatidos. A esperança de salvação para os homens de hoje não está nas ciências, mas na pregação e aceitação do Cristianismo. A salvação está na apresentação do próprio Cristo para que os homens como indivíduos creiam nele e o aceitem como Salvador espiritual. A salvação dos homens não está na ciência, mas na fé em Jesus Cristo em cuja compreensão e aplicação prática também os homens precisam progredir.

Como dissemos acima, o progresso material, como resultado da ciência e tecnologia é fruto indireto do Cristianismo e da obra de Jesus Cristo na história, e tem criado problemas sociais e econômicos. Certamente não ignoramos os inúmeros benefícios trazidos pelas ciências. Queremos, porém, abordar a natureza dos problemas que tem surgido juntamente com o progresso moderno. Nossa finalidade é mostrar que, em última análise, estes problemas têm surgido como consequência da falta de equilíbrio entre o progresso nos diferentes campos das relações humanas. Nos últimos séculos, por exemplo, os homens têm progredido a passos gigantescos na vida material. Tal progresso, porém, não se tem verificado paralelamente na vida moral e ética. Embora o desenvolvimento social e econômico seja fruto indireto do Cristianismo e, em última análise, da influência espiritual da pessoa histórica de Jesus Cristo, isto é, dos seus ensinamentos e exemplo como a motivação e origem da vida humana como um todo, este fator criador tem estado obscurecido e mesmo ignorado, por parte de muitos dos responsáveis pela expansão do progresso material.

1. As origens ou causas dos problemas surgidos junto com as ciências, seus motivos e finalidades. Aqui precisamos acrescentar que o desenvolvimento das ciências e da tecnologia é essencialmente obra do homem, do seu raciocínio, que em sua natureza é abstrato, impessoal e neutro, sem motivações diretas ou finalidades necessariamente éticas e cristãs. Isto, porém, não impede que afirmemos que o progresso moderno é fruto direto ou indireto do Cristianismo. Este progresso, porém, (não os seus processos, mas suas finalidades) não tem sido devidamente caracterizado por uma consciência ou motivação cristã. Daí a nossa afirmação de não ter havido um progresso completo, ou equilibrado, mas parcial e mesmo secundário ou secular e não correspondendo com o ideal do Cristianismo e de Jesus Cristo para a vida humana. Daí também a origem ou procedência dos problemas. As capacitações mentais dos homens podem progredir como tem progredido no campo material, mesmo sem serem motivados nos seus aspectos práticos ou sociais por finalidades

cristãs. Dada a natureza pecaminosa do homem, ele pode progredir ou prosperar, mesmo com motivações ou finalidades egoístas e contrárias aos interesses do bem estar coletivo.

2. A anormalidade ou desequilíbrio acima mencionado verifica-se quando o homem, mesmo não sendo cristão, chega a entender, mediante a luz do Cristianismo, que o universo físico está ao seu dispor para o conquistar e quando ele conquista os recursos do raciocínio e força da vontade, o homem não cristão e mesmo o cristão mal orientado no seu entendimento, facilmente cai no erro de imaginar e agir como se fosse ele mesmo o autor do seu progresso, e de não reconhecer a Deus como Criador e doador de toda a boa dádiva. Sendo por natureza pecador, o homem erra quando não usa os recursos materiais que adquiriu com seu trabalho para o bem de todos, conforme é a vontade de Deus, mas quando os usa apenas para seus próprios interesses. Embora consciente da sua capacidade para progredir, se não der atenção às finalidades morais e sociais dos bens materiais, o homem inevitavelmente se envereda para um racionalismo material, irreligioso e antissocial. O progresso sem motivações e finalidades religiosas e cristãs só pode trazer problemas para a vida humana. O intercâmbio ou comunicação, por exemplo, entre indivíduos e coletividades, tem sido intensificado com a criação de melhores meios de transporte e comunicação, mas as relações fraternais e o convívio pacífico não têm progredido paralelamente com a vida material e econômica.

O homem moderno tem, por um lado progredido e melhorado a sua vida material e social. Por outro lado, porém, tem criado e continua criando para si problemas insolúveis. Os atritos de interesses e conflitos estão aumentando. Hoje em dia os homens responsáveis pela vida coletiva já admitem que, com os recursos da ciência, não podem solucionar os problemas sociais e econômicos. A produção de riquezas, por exemplo, o enriquecimento, a conquista do controle sobre os outros em benefício próprio, vem da maldade e do desenvolvimento das possibilidades mentais dos homens. O progresso material traz

como consequência a opressão e exploração de uns sobre os outros. Cria classes sociais e conflitos de interesses entre elas, cria problemas para os quais os homens não acham solução com os recursos das ciências. Nenhum problema social ou econômico pode ser solucionado com os recursos das ciências. A produção de riquezas ou de bens materiais sem a finalidade de beneficiar a sociedade, nunca irá solucionar os problemas que dela resultam, ou seja, do mau uso desses mesmos bens. Nenhum problema pode ser solucionado com os recursos vindos da esfera das relações humanas onde os mesmos surgiram ou onde, pelo menos, não foram evitados. A produção de riquezas sem finalidade cristã, nunca irá solucionar os problemas que dela resultem. Os cientistas não podem solucionar os problemas da vida humana com recursos científicos. Estes problemas, na realidade, não procedem das ciências, mas, sim, dos homens que se limitam às ciências e que não conhecem ou não buscam recursos morais e éticos que estão acima das ciências. O século XIX presenciou o auge da confiança dos homens na tecnologia e nas ciências. O século passado presenciou o fracasso dessa mesma tecnologia e os estadistas não puderam evitar a Segunda Guerra Mundial e outras mais que se têm verificado. Os homens não podem estabelecer a paz no mundo. Quanto mais se armam em defesa própria tanto mais temem uns aos outros. Por um lado, a ciência e a tecnologia trazem domínio, por outro lado, trazem miséria. Seu domínio é o da quantidade e isso aumenta a desumanidade do poder impessoal. A técnica traz consigo a tendência ou marcha para o suicídio universal.

A solução para o problema. À luz da perspectiva histórica do afastamento dos homens de Cristo e do seu espírito, a solução para a situação do mundo de hoje é mostrar que as finalidades da própria vida precisam ser colocadas acima dos seus aspectos materiais. É mostrar, por exemplo, a inutilidade para o homem procurar ganhar o mundo inteiro se ele mesmo não achar a vida eterna. O Cristianismo focaliza o valor relativo ou mesmo insignificante da tecnologia, da ciência e da inteligência na vida

material, caso o homem não alcance a sua própria finalidade que é a vida espiritual.

A solução cristã para os problemas é tarefa dos pregadores e não dos cientistas. É levar os homens através da pregação e mesmo através da ciência e do raciocínio, ao conhecimento de Deus como Criador e sustentador de todas as coisas e não somente ao conhecimento das coisas por ele criadas. A solução está, enfim, não em criar ideologias sociais e econômicas na base da imaginação e raciocínio, mas, sim, em levar o homem a buscar relações espirituais com Deus e seu reino, e não buscar somente as coisas materiais como se fossem estas a única imagem de Deus. Estas só revelam a divindade e o poder de Deus, mas não o seu amor pessoal. A solução depende de levarmos os homens ao conhecimento e a realização de si mesmos como portadores da imagem espiritual de Deus através da fé na pessoa de Jesus Cristo de quem os homens estão espiritualmente separados, embora intelectualmente relacionados.

8

A BUSCA DO JESUS DA HISTÓRIA

O período posterior à Reforma tinha sido de lutas e de tentativas para pacificação. A era moderna recebeu o Cristianismo com tarefas não esclarecidas satisfatoriamente, relacionadas principalmente com a interpretação bíblica referente a Jesus Cristo. Os cristãos primitivos sempre estavam prontos para dar a razão da sua fé, mas sempre na base das suas experiências. Assuntos doutrinários e práticos eram geralmente decididos na base de autoridade o que mais tarde veio a impedir a pesquisa livre. Na Idade Média, por exemplo, houve muita atividade de raciocínio, mas limitada à teologia tradicional já estabelecida.

Tratou-se muito pouco do criticismo bíblico ou histórico. A Reforma, com seus princípios de liberdade individual, favoreceu e estimulou o criticismo particular. Também o progresso ou desenvolvimento da filosofia e das ciências exerceu grande influência sobre a teologia. Daí surgiu, então, a necessidade de criticismo e de uma interpretação apologética. Surgiram ataques à teologia tradicional e tentativas para defesa e harmonização. Tudo isto, em última análise, contribuiu para o bem do Cristianismo. Fortaleceu e ampliou os horizontes da verdade bíblica, pois esta nunca se abala nem pode ser destruída por forças externas.

O que nos interessa, no momento, é o lugar de Jesus Cristo neste período do racionalismo moderno. Neste período a interpretação de Cristo ou a Cristologia tornou-se a motivação e o centro do criticismo bíblico. A filosofia e as ciências impulsionaram o exame crítico das Escrituras, principalmente com relação a Jesus Cristo, dando as mais variadas interpretações de sua pessoa, sua obra e significado prático. Vamos mencionar algumas das ideias que surgiram, com exemplos, para focalizarmos depois o aspecto principal do movimento.

Alguns pensadores interpretaram a Jesus como o ideal moral para os homens; para outros ele era o exemplo transcendental dos homens da consciência perfeita de Deus; para outros era o padrão perfeito da humanidade sem pecado etc. Vemos assim que no período posterior à Reforma houve um esforço para interpretar a pessoa de Jesus Cristo.

No meio desta pesquisa racionalista moderna surgiu a questão central se o Jesus da história e a sua mensagem realmente tem algum significado para a fé cristã. Nem nos primeiros séculos da era cristã, nem no tempo da Reforma e nem nos dois séculos posteriores, ninguém pensou em levantar tal pergunta. Hoje, porém, ela está sendo feita com seriedade e teólogos há que a respondem negativamente.

Pensam que o Jesus da história e a sua mensagem não têm

significado, pelo menos decisivo, para a fé cristã. Em face da crise da cultura e crise moderna, perguntamos agora: 1) Como surgiu tal problema; 2) Por que se pergunta: que relação existe entre as boas novas de Jesus e a doutrina proclamada Pela Igreja.

O problema da busca ou da interpretação do Jesus histórico divide-se em duas partes. A primeira durou no século décimo oitavo e décimo nono. Para compreendermos o movimento todo, precisamos abordar primeiro a primeira busca que teve o seu início com Reimarus e terminou com Wrede. A segunda etapa tem como centro Bultmann e a sua escola. Vejamos agora como surgiu o problema e como surgiu depois a nova busca de Bultmann, e tudo isto em resumo muito limitado.

Reimarus - O problema da busca do Jesus histórico é de origem recente, de 1778. Surgiu da influência do iluminismo na filosofia, ou de ideias preconizadas do século XVIII sobre a inspiração sobrenatural. Nos séculos anteriores existia a ideia de que os evangelhos dão uma informação absolutamente exata sobre Jesus. Não havia problema nenhum. Nos dois séculos antes do iluminismo, portanto, o estudo dos evangelhos limitava-se à paráfrase e à harmonia dos quatro evangelhos. A exegese do Novo Testamento era a auxiliar da teologia dogmática.

No fim do século XVIII propagou-se a ideia pela primeira vez que o Jesus histórico, apresentado nos evangelhos, e o Cristo proclamado pela teologia da Igreja não são a mesma coisa. Quem levantou esta ideia foi Reimarus, professor de línguas orientais, que não era teólogo. Ao morrer, Reimarus deixou um manuscrito nas mãos de Lessing que, entre os anos 1774 e 1778, publicou sete extratos desse documento. O sétimo extrato teve como título: "Objetivo de Jesus e dos seus discípulos" (mais um fragmento anônimo de Welfenbuttel). Nele disse Reimarus que precisamos distinguir entre os "objetivos que o próprio Jesus teve diante de si, e o "objetivo" que os discípulos tiveram". Para Reimarus, o propósito de Jesus precisava ser considerado à luz da sua exclamação na cruz: "Deus meu, Deus, por que me desamparaste?" Para Reimarus, Jesus quis ser um "messias

político dos Judeus.” Os discípulos, porém, por ocasião da morte de Jesus, não querendo voltar para a sua vida anterior, inventaram a ideia da ressurreição e da vinda de Jesus. O Cristo da fé, para Reimarus, foi uma criação dos discípulos.

A publicação deste panfleto criou grande agitação e teve rejeição total. O simples ódio, porém, não serve de guia para a verdade histórica. Não obstante foi Reimarus, um leigo, o primeiro a perceber claramente um fato até então não observado. Notou que o Jesus da história e o Cristo pregado pela Igreja não são o mesmo. História e teologia são duas coisas diferentes. O problema do Jesus histórico começou com Reimarus. Daí, também, o livro de Schweitzer, intitulado "A BUSCA DO JESUS HISTÓRICO" de Reimarus até Wrede.

De Reimarus até Kähler - A descrição do Jesus histórico feita por Reimarus evidentemente era absurda. Jesus não era um revolucionário político. Ele era total mente contra tal ideia. Mesmo assim, com a sua insistência na ideia de que o Jesus da história era diferente do Cristo dos evangelhos, Reimarus suscitou uma questão que não podia ficar ignorada, a saber: Quem foi realmente o Jesus de Nazaré? Esta pergunta despertou um estudo intenso da vida de Jesus por parte dos teólogos, e com resultados diferentes. O estudo foi feito pela teologia liberal e representava uma revolta contra a teologia eclesiástica tradicional. Os iluministas ou racionalistas entregaram-se a estudar a vida de Jesus para responder esta pergunta. Toda a atividade cultural da época estava centralizada no Jesus histórico para libertar-se da teologia dogmática. O grito de guerra era: "Voltemos para Jesus, o homem de Nazaré, e não para o dogma cristológico, voltemos para a personalidade e a religião de Jesus, como fatores decisivos".

Sob a égide desta senha foram publicadas muitas biografias de Jesus que muito diferem entre si. Para os racionalistas, por exemplo, Jesus era um pregador de moral; para os idealistas, ele era o Homem Ideal; para os artistas, ele era o mestre da linguagem ou da expressão; para os sociólogos, Jesus era o amigo dos pobres

e reformador social. Para muitos pseudoeruditos, Jesus era um caráter apenas imaginário. Nestas biografias Jesus foi modernizado. As biografias representavam pontos de vista pessoais. Era consequência da época e cada tipo de teologia encontrou na personalidade de Jesus um reflexo dos seus próprios ideais. Cada autor escreveu do seu ponto de vista. Onde estava então o erro? O erro estava no fato de que a teologia inconscientemente tinha sido substituída pela psicologia e fantasia. Nestas biografias a caracterização da personalidade de Jesus tinha sido baseada na psicologia e fantasia. A maior parte da responsabilidade estava, não com as fontes, mas com o psicologismo descontrolado dos escritores modernos. Foi esta, também, a tragédia do próprio Schweitzer quando interpretou Mateus 10.23 como fosse desapontamento de Jesus referente a uma parousia eminente pelo que tomou o caminho da cruz para forçar a vinda do reino de Deus.

Nessa época do estudo da vida de Jesus e da publicação das biografias, e teologia positiva, aqueles que, embora favoráveis à erudição moderna, mas contrários às conclusões negativas dos críticos, mantiveram uma atitude de observadores. Em 1892, porém, a teologia positiva, através da obra de Kähler "O Jesus histórico assim chamado, e o Cristo bíblico e histórico", tornou-se também agressiva. Para compreender a tese de Kähler precisamos distinguir entre o seu uso dos termos "Jesus" e "Cristo" e entre os termos "historish" e "geschichtlich". Para Kähler o nome "Jesus" refere-se ao homem de Nazaré e o nome "Cristo" refere-se ao salvador proclamado pela Igreja. "Historich" era para ele o fato do passado e o "geschichtlich" é o fato passado, mas, que tem também significado permanente. Kähler confrontou o "Jesus histórico", que os autores procuraram reconstruir, com o Cristo bíblico e histórico, que os apóstolos pregaram. A sua tese era esta: Só o Cristo bíblico pode ser apreendido por nós; só ele tem significado permanente para a fé. E isto só acontece na condição em que os evangelhos o apresentam e não na condição em que uma reconstrução científica de idealização própria o apresenta. Kähler

estava certo da realidade da imagem viva e coerente do Homem, que nunca deixamos de reconhecer e que se nos apresenta no Novo Testamento. A princípio, porém, a tese de Kähler ficou esquecida até quando Bultmann a reformulou e recebeu o seu devido crédito.

O Lugar de Cristo na Teologia Crítica Moderna.

Um interessante movimento começado por Bultmann e influenciado por ele surgiu nas recentes décadas. Depois de preocupar-se durante cento e cinquenta anos com a busca do Jesus histórico, a teologia crítica reconheceu ter empreendido uma tarefa impossível. Declarou-o publicamente e passou para o campo do adversário. Voltou às costas para a sua própria história e apoiou Kähler, ao menos nos seus aspectos negativos. Declarou ser a sua preocupação com Jesus histórico um empreendimento infrutífero, e recuou para o seu baluarte do Kerigma, a mensagem da Igreja sobre o Cristo.

A teologia crítica baseou o seu abandono do Jesus histórico e sua volta à mensagem do Cristo em duas considerações:

1) O caráter peculiar de nossas fontes. Não temos nenhum escrito da mão de Jesus, como o temos do apóstolo Paulo. Conhecemos a Jesus apenas nos evangelhos, que não são biografias, mas testemunhos de fé. Os evangelhos têm muito material que tem sido amplamente reeditado no curso de sua transmissão, e muitas lendas devem ter sido atribuídas às histórias de milagres de Jesus. Todos os quatro evangelhos apresentam Jesus como ele foi aprendido pela fé dos evangelistas. Marcos, por exemplo, retrata o Filho de Deus oculto; Mateus, o Rei secreto de Israel; Lucas o Senhor da futura Igreja; Joao o Filho de Deus por si mesmo revelado. Deste material todos não podemos formular uma biografia de Jesus. Devemos, portanto, nos libertar da subjetividade da assim chamada “busca do Jesus histórico”. Precisamos tirar as nossas próprias conclusões do fato de que só podemos conhecer a Jesus como revestido com roupa de mito. Precisamos reconhecer ainda que não podemos anteceder a mensagem. Mesmo se assim procurarmos fazer estaremos em

terreno inseguro.

2) Não pensemos que as fontes ou os evangelhos nos deixaram inteiramente em desamparo, diz a teologia crítica. Passou o tempo quando um ceticismo não científico podia duvidar que Jesus tenha vindo. Pelo contrário, temos considerável informação a respeito de Jesus e a sua proclamação. Mas o que podemos alcançar através de uma pesquisa científica, diz a teologia crítica, nada oferece que tenha significado para a fé. Para esta fé o Jesus de Nazaré foi um profeta dos judeus. Certamente foi um profeta que exigiu obediência absoluta, que viu a humanidade totalmente no pecado, e que proclamou para os homens o perdão divino. Jesus tinha aprendido "a ideia judaica de Deus em sua pureza e coexistência": Era um profeta que insistiu que a atitude do homem para com a sua palavra era a atitude para com o próprio Deus. Mesmo assim, ele permaneceu dentro do padrão do judaísmo. O que Jesus pregava dizia a teologia crítica, foi uma forma mais radical da mensagem do Antigo Testamento, da fé judaica em Deus. Para Bultmann, a história de Jesus e parte da história do judaísmo e não do Cristianismo. Este profeta judeu, certamente, é de interesse histórico para a teologia do Novo Testamento, mas não tem, nem pode ter significado para a fé cristã, pois é tese de Bultmann que primeiro o Cristianismo começou na Páscoa. Aqui chegou a ponto decisivo. Quem jamais diria que o islamismo começou depois da morte de Maomé? Ou quem diria que o budismo começou depois da morte de Buda? Se aceitássemos a ideia de que o Cristianismo começou na Páscoa com a mensagem sobre o Cristo ressurreto, então, por inferência, Jesus como profeta do judaísmo, não pertence ao Cristianismo. "A mensagem de Jesus", diz Bultmann na frase inicial da sua Teologia do Novo Testamento, "pertence às pressuposições da Teologia do Novo Testamento e não faz parte da teologia propriamente dita". Note-se "pressuposições" no plural. Isto indica que a mensagem de Jesus é uma das pressuposições da Teologia do Novo Testamento entre muitas outras, e talvez não decisiva. Outros fatores são igualmente importantes: as experiências

personais dos discípulos, as expectativas messiânicas do judaísmo, e a mitologia do paganismo que ofereceu a Jesus de Nazaré a roupa com que se vestiu. O estudo de Jesus e da sua mensagem para Bultmann talvez seja interessante e instrutivo para a compreensão do aparecimento histórico do Cristianismo, mas não tem significado para a fé.

Estas são, então, as duas bases em que a teologia crítica moderna rejeitou o Jesus histórico: 1) Não podemos escrever uma biografia de Jesus por falta de bases; 2) Podemos considerar o Jesus histórico como profeta judaico e a sua mensagem, mas nenhum dos dois tem significado para a fé. Conclui-se daí que a nossa tarefa hoje em dia não é buscar o Jesus histórico, mas, sim, interpretar o Kerigma, isto é, a mensagem de Paulo sobre a justificação dos pecadores. Admite-se que o Cristianismo das comunidades de Paulo e de João é um exemplo do sincretismo helenístico e reflexo do clima religioso da época. Mas esta não é uma dificuldade insuperável. Devemos "desmitologizar" a mensagem e traduzi-la para os termos modernos, digamos, com a ajuda da filosofia existencialista.

Gerhard Ebeling enuncia estas ideias bruscamente, dizendo que a revelação não é um dado nem evento histórico. As revelações não foram levadas a efeito e completadas durante os anos de 1 a 30. Antes, verificaram-se em qualquer lugar onde é pregado o Kerigma. Resumindo esta posição da Teologia Crítica aqui esboçada, destacamos primeiro seus aspectos positivos. Hoje a pesquisa crítica é muito diferente do que era no século anterior. Está inclinada para considerar o Kerigma todo (mensagem toda) e dar-lhe o devido valor. O significado positivo desta nova etapa da Teologia Crítica certamente é imenso. Porém, há muitos e graves problemas e perigos nesta posição. Enfrentamos o perigo de perdermos, por exemplo, a afirmação que "O Verbo se fez carne" e de destruir a "história da salvação", a atividade de Deus no homem Jesus de Nazaré na sua mensagem; Enfrentamos o perigo do docetismo, onde Cristo é apenas uma ideia; corremos o risco, ainda, de colocarmos a proclamação do apóstolo Paulo no lugar

das boas novas de Jesus.

O Significado Crucial do Jesus Histórico.

Que crítica podemos oferecer à posição aqui esboçada?

A Necessidade do Estudo Histórico.

1) Não há dúvida de que o sonho de escrever uma biografia de Jesus já passou. Seria um erro não reconhecermos o aviso da erudição crítica contra o uso não crítico dos evangelhos. Devemos mesmo voltar para o Jesus histórico e para a sua mensagem. Não podemos ignorá-lo. À parte de todas as considerações teológicas, há duas circunstâncias que nos obrigam a determinar o caráter do evangelho como Jesus o proclamou. Antes de tudo, são as fontes que impedem que nos limitemos ao Kerigma da igreja primitiva e que nos obrigam constantemente a levantar a questão do Jesus histórico e da sua mensagem. Os evangelhos dizem que a origem do Cristianismo não está no Kerigma, não está nas experiências dos discípulos com a ressurreição, nem está na "ideia de Cristo". Pelo contrário, os evangelhos dizem que a origem do Cristianismo está no aparecimento do Homem que foi crucificado sob Pôncio Pilatos, o Jesus de Nazaré, e na sua mensagem. Note-se bem: e "sua mensagem". O evangelho que Jesus pregou precedeu à mensagem da igreja primitiva. Embora haja incerteza sobre detalhes da vida de Jesus, quanta à sua mensagem não há dúvidas. Certamente, as narrativas de Jesus e a sua mensagem foram repetidas pela igreja primitiva como testemunhos de sua fé e os evangelhos não são biografias. Isto não quer dizer que os evangelistas os escrevessem à vontade. Paulo escreveu antes dos quatro evangelistas. Era o grande teólogo nas igrejas dos gentios antes da formação dos evangelhos. A terminologia de Paulo, porém, pouco se percebe nos evangelhos. Jesus não pode ser considerado como um anônimo na comunidade cristã primitiva. Frequentemente encontramos afirmações que se referem à situação anterior à Páscoa. O estudo do Jesus histórico é uma tarefa imperativa. A falta de fontes primárias não é razão para que abandonemos a pesquisa histórica.

2), Mas não somente as fontes nos obrigam a levantar o problema do Jesus histórico e da sua mensagem. O Kerigma, a mensagem da igreja primitiva sobre o Cristo, nos obriga também a isto. O Kerigma refere-se a um fato histórico. Anuncia que Deus estava em Cristo e reconciliou o mundo consigo mesmo. Deus revelou-se num evento histórico. O próprio coração do Kerigma de que "Cristo morreu por nossos pecados segundo as Escrituras", representa a interpretação de um fato histórico. Esta morte foi por nós. Será, porém, que esta interpretação foi imposta aos eventos? Ou Jesus mesmo falou da sua morte iminente e lhe atribuiu seu significado? A mesma questão aplica-se também à mensagem da ressurreição; ela sempre se refere como anterior ao fato. O Cristo ressurreto e exaltado, a quem os apóstolos pregaram, teve características de personalidade com quem os discípulos estiveram familiarizados. Acontece o mesmo com Paulo e com toda pregação na igreja primitiva, que sempre se refere a fatos que os precederam. Isto é, refere-se à própria mensagem de Jesus. A origem da mensagem do Kerigma está na origem da mensagem de Jesus. O *Kerigma* (mensagem missionária) e o *didaquei* (instrução para crentes) estão refletidos não somente nas epístolas e no Apocalipse, mas, também, nos evangelhos. Na igreja primitiva nunca houve o Kerigma sem o Didaquei.

Esta é, então, a primeira consideração por que devemos continuar a voltar sempre para o Jesus histórico e à sua mensagem. A fonte e mensagem exigem isto. A própria encarnação implica em que a história de Jesus não é apenas um assunto possível para a pesquisa histórica, mas exige exatamente isto. Precisamos conhecer quem foi o Jesus da história e qual é o conteúdo da sua mensagem. Não podemos evitar o problema da encarnação. Não podemos conhecer a natureza essencial da fé, se fizermos do conhecimento histórico o objeto da fé e se a fé oferece, desse modo, dúvidas. Podemos apenas afirmar que Deus mesmo entregou-se. A encarnação é o próprio Deus oferecendo-se a si mesmo e o que compete a nós e nos curvamos e aceitar.

É realmente aqui que os mais recentes desenvolvimentos

teológicos vão além da Teologia do Kerigma de Bultmann. Hoje é geralmente reconhecido que o Jesus da história precisa ser tomado a sério e que a situação dos estudos do Novo Testamento de hoje não é tão heterogênea como pode parecer à primeira vista.

A Nova Busca como Baluarte Contra A Modernização de Jesus.

Embora a teologia crítica tenha falhado na sua tentativa, devemos prosseguir na busca do Jesus histórico e da sua mensagem sem nos preocuparmos para onde esta busca possa nos levar. Nem devemos temer que possamos entrar em alguma aventura infrutífera e perigosa. Surge, no entanto, a pergunta: Será que não podemos cair no perigo de alguma modernização subjetiva de Jesus? Será que não podemos cair no erro dos séculos passados atribuindo a Jesus de Nazaré as nossas próprias ideias teológicas? Certamente, o historiador nunca pode desprender-se por completo da sua própria personalidade. Mesmo assim, não devemos cair no desespero e desistir. A nossa posição hoje é totalmente diferente daquela dos séculos passados. Estamos, por exemplo, melhor equipados. Os objetivos são mais modestos, pois os erros da busca clássica do Jesus histórico nos advertiu que não devemos querer saber mais do que podemos saber. Isto já vale muito. O ponto decisivo, porém, é que temos, hoje, baluartes que nos protegerão de uma modernização arbitrária de Jesus. Estes nos protegerão de nós mesmos:

(1) A erudição dos séculos passados criou como primeiro baluarte contra erros um criticismo literário muito desenvolvido. Por exemplo, sabemos distinguir entre fontes escritas e tradições. Sabemos distinguir o estilo de redação dos evangelistas e entre tradição e redação. (2) O criticismo de formas levou a erudição a determinar leis que governam a formação do material, a criação e crescimento da tradição. A crítica de formas ajuda a separar entre a camada helênica que tem coberto a tradição palestina primitiva. (3) A busca do Jesus histórico tem nos levado a estudar os

costumes ou o mundo em que Jesus viveu. O estudo da literatura rabínica levou a recente literatura sobre a apocalíptica judaica. Outra ajuda vem dos conhecimentos tanto da Palestina antiga como da moderna. Jesus viveu no seu tempo e lutou contra as suas circunstâncias. Outra ajuda são os manuscritos do Mar Morto. (4) O estudo do ambiente em que Jesus viveu tem despertado o estudo das línguas do tempo. Dalman provou, por exemplo, que Jesus falava o aramaico da Galileia. Estas coisas nos ajudam na tradução do texto. Traduções nunca podem substituir o original. (5) Um baluarte especial contra a modernização psicológica de Jesus e a redescoberta do caráter escatológico da sua mensagem. Sabemos que Jesus compreendeu que Deus estava no momento penetrando a história. Sabia que o momento era a crise de julgamento. Foi contra este fundo que Jesus proclamou a vinda do reino de Deus no tempo do seu ministério. Está claro, pois, que Jesus não era um mestre judaico, um ensinador de sabedoria, um profeta. A sua mensagem, porém, era que Deus estava oferecendo salvação e que esta, na verdade, era o fim do judaísmo.

No final do seu livro "A Busca do Jesus Histórico" Schweitzer resume o resultado das tentativas de se escrever uma biografia de Jesus: "O estudo da vida de Jesus tem tido uma história curiosa. O crítico saiu para buscar o Jesus histórico, crente que, quando fosse achado, poderia trazê-lo para o nosso tempo como ensinador e Salvador. Isto desatou os laços com que tem sido amarrado durante séculos a monumentos e doutrinas eclesiásticos e isto trouxe alegria de ver a vida e movimento tomando vulto mais uma vez, e o Jesus histórico avançando, como parecia aos discípulos no seu encontro no caminho de Emaús. Mas ele não parou. Ele vai atravessando também o nosso tempo e voltando para o tempo propriamente seu". Tal foi o resultado do estudo da vida de Jesus começado em 1778. O estudo libertou Jesus dos laços tradicionais e ele tornou-se a pessoa viva do presente ou do nosso tempo. Mesmo assim ele não parou. Ele prossegue também através do nosso tempo e retorna para o seu próprio tempo e diz: Segue-me tu.

A Reivindicação de Jesus Posta em Destaque pelo Estudo Histórico. Se prosseguirmos no caminho indicado e dentro das restrições protetoras, que nos guardam de modernizarmos a Jesus e de o criarmos na nossa própria imagem, chegamos agora face a face com sua única reivindicação a autoridade que transcende os limites do Antigo Testamento e do judaísmo. Na mensagem de Jesus encontramos a exigência suprema à fé que ele apresenta na sua mensagem. Aqui devemos reafirmar um dos fatos mais simples e mais óbvios, pois não é óbvio para todos. Cada palavra nas fontes dá o testemunho, cada palavra nos evangelhos nos pressiona a sentir que alguma coisa aconteceu, alguma coisa que é única, que nunca houve antes. A história das religiões certamente tem acumulado inúmeras mensagens paralelas e analogias à mensagem de Jesus, mas quanto mais analogias nós acumulamos, tanto mais evidente torna-se o fato de que não há nenhuma analogia semelhante à mensagem de Jesus. Não há nenhum paralelo, por exemplo, a mensagem de que Deus está interessado nos pecadores e não nos justos, e de que lhes oferece aqui na terra participação no seu reino. Não há nenhum paralelo ainda à autoridade com que Jesus falava a Deus como Pai dizendo ABBA. Assim, exemplo após exemplo, poderia ser citado, mas o resultado seria sempre o mesmo. Os que receberam a mensagem de Jesus estavam certos de terem ouvido a palavra de Deus; Por trás de toda palavra e ato de Jesus esta a reivindicação da sua autoridade. Quando lemos os evangelhos, mesmo criticamente, não podemos ignorar esta exigência. A exigência de Jesus à autoridade divina e a origem do Cristianismo. Daí vemos que o estudo do Jesus histórico e da sua mensagem não é uma tarefa superficial na erudição do Novo Testamento; antes é a tarefa central e necessária.

As Boas Novas do Jesus Histórico e a Mensagem da Igreja Primitiva. Voltemos à pergunta original: Qual a relação entre as boas novas de Jesus e o testemunho da igreja primitiva referente à fé? Qual é a relação entre a mensagem antes da ressurreição e a mensagem depois da ressurreição? Entre o

evangelho e o Kerigma (mensagem)? Aqui duas coisas podem ser ditas:

1) As boas novas de Jesus e o testemunho da igreja primitiva não podem ser tratados separadamente. O evangelho de Jesus sem o testemunho da fé é uma história morta. O mesmo acontece, também, com a mensagem da igreja. Sem a mensagem de Jesus ela é apenas uma ideia ou teoria. Isolar a mensagem de Jesus leva ao ebionismo; isolar o Kerigma leva ao docetismo.

2) O evangelho de Jesus e o Kerigma da igreja não estão no mesmo nível. Estão relacionados entre si como uma chamada e a resposta. A primeira e ação, vida e morte de Jesus; é a sua autoridade. O testemunho da fé da igreja é o coro de muitas línguas dirigido pelo Espírito em resposta à chamada de Deus. A igreja primitiva representava esta relação em cenas de liturgia, tendo a figura do Crucificado no centro para quem estava convergindo uma multidão inumerável na terra e nos céus. As representações mostram que o Jesus de Nazaré é a chamada de Deus as suas criaturas e como resposta a esta chamada é a confissão do mesmo Jesus. A resposta tem sempre um aspecto duplo: Louvor e adoração a Deus e o testemunho para o mundo. A resposta é inspirada pelo Espírito de Deus. Ela, porém, nunca toma o lugar da própria chamada. É esta chamada e não a resposta, o fator decisivo. O testemunho da igreja primitiva - de Paulo, Joao, da Carta aos Hebreus - deve ser interpretado à luz da mensagem de Deus.

Para reagirmos contra a tendência para igualar o evangelho de Jesus e o Kerigma da Igreja, realçamos a realidade da revelação. No Novo Testamento não há outra revelação de Deus senão a Palavra encarnada. A pregação da igreja primitiva é o testemunho divinamente inspirado apontando para esta revelação, mas a pregação não é revelação. Revelação não se verifica no culto domingo de manhã. O Calvário não está em toda parte. Há apenas um Calvário e está situado fora dos muros de Jerusalém. A pregação da igreja primitiva não era a revelação, mas apontava

para a revelação. A pregação de Paulo aos Gálatas, por exemplo, era a apresentação do Cristo crucificado diante dos olhos dos Gálatas (3.1). Jesus é o Senhor, e este Senhor está acima do que proclama a sua mensagem. O Jesus histórico e a sua mensagem, pois, não é uma pressuposição do Kerigma entre muitas, mas é a única. Somente o Filho do Homem e a sua palavra pode dar autoridade à mensagem da igreja.

9

A NECESSIDADE DO JESUS CRISTO DOS EVANGELHOS PARA O MUNDO ATUAL

À luz da pessoa de Jesus Cristo vista na perspectiva da história, qual a necessidade do mundo de hoje nas circunstâncias em que se acha? Podemos responder com uma só frase: É conhecer e aceitar a Jesus Cristo como Salvador espiritual e Senhor. Disto depende a solução de todos os seus problemas. A necessidade dos homens é essencialmente moral e espiritual. É salvar-se dos seus pecados. Em grande parte os homens reconhecem isto. Existe hoje um interesse crescente pela religião, mas não necessariamente pela teologia. Mesmo aqueles que falharam na sua busca do Jesus histórico, não abandonam a ideia de Jesus como sua necessidade. Embora não creiam, por exemplo, na ressurreição física de Jesus como fato histórico, reconhecem ao menos a ideia da ressurreição como sua necessidade e esperança espiritual. Os homens em geral, hoje, reconhecem que necessitam da salvação espiritual e que, do contrário, marcham para o caos.

No tempo atual acontece algo semelhante ao que aconteceu no ministério de Jesus com os seus discípulos. Quando num momento de crise Jesus perguntou-lhes: *"Quereis vós também*

ir?", eles responderam: *"Para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna."* Também hoje muitos chegaram à conclusão de que ninguém fala da vida eterna senão Jesus. Jesus Cristo é o único nome dado entre os homens (ou na história) em quem devamos ser salvos, disse Pedro (Atos 4.12). Jesus foi profetizado e anunciado pelos profetas. Os anúncios estão registrados nas Sagradas Escrituras para o conhecimento universal. A vinda de Jesus e a sua obra no mundo já é fato histórico, testemunhado pelos apóstolos e por muitos outros que tiveram a experiência cristã. Estas coisas estão escritas para que os homens creiam e tenham a vida eterna. A redenção por Cristo é fato da experiência histórica e está ao alcance de todos. A sua veracidade e eficácia é testemunhada pelos cristãos e mesmo pelos que têm falhado na busca de outros caminhos para se salvar.

Vejamos agora alguns exemplos negativos na história dos que falharam para melhor compreensão do significado construtivo da sua experiência.

1. A história dos evangelhos registra os fracassos dos que não creram em Jesus e o rejeitaram. Os que não creram nele, por exemplo, no tempo do seu ministério no mundo e o crucificaram para se libertarem dele, não se sentiram vitoriosos depois. Temeram as possíveis consequências que eles mesmos imaginaram, dizendo que o segundo erro poderia ser pior do que o primeiro (Mateus 27.64). Foi fracasso, também, a tentativa dos que, por circunstâncias, séculos depois se desviaram da fé em Cristo e procuraram interpretar racionalmente a sua pessoa. Apesar de todos os esforços nada conseguiram. Pela pesquisa analítica não interpretaram a pessoa de Jesus que ainda é problema para quem crê nele como está apresentado nos evangelhos. A salvação não é pela especulação, mas pela fé genuína naquilo que está escrito. Também a teologia fracassou quando se tornou uma filosofia especulativa e afastou-se da fé nos evangelhos.

Igualmente fracassou o racionalismo ou a teologia crítica, quando procurou interpretar cientificamente a vida de Jesus para

servir à formação de uma teologia cristã em bases científicas. O movimento falhou porque Jesus Cristo veio ao mundo para ser crido na base da experiência e não para ser analisado pelo raciocínio dos homens na base da lógica. A iniciativa era para subordinar a pessoa de Jesus Cristo à mente humana e para tirá-lhe a qualidade divina. Jesus Cristo apresentou-se na experiência para ser crido e para satisfazer a alma e não à curiosidade especulativa. O fracasso na tentativa para formular uma interpretação perfeita da biografia de Jesus foi uma derrota para a ciência humana. O significado da pessoa de Jesus Cristo não se submete e nem depende de interpretações científicas. A verdade espiritual não depende de provas materiais.

A história registra, também, a derrota do racionalismo materialista e irreligioso. Embora os homens criassem ciências e o progresso material depois que veio a libertação espiritual para o homem da sua escravidão do eclesiasticismo, este progresso não resolveu os problemas morais e espirituais da vida humana. A prova disto está como já vimos, nos males morais, sociais e outros que crescem com o desenvolvimento da tecnologia, por exemplo. Fracassou também o racionalismo na tecnologia crítica quando procurou interpretar a pessoa de Jesus Cristo só no nível humano. A tecnologia crítica não conseguiu satisfazer o raciocínio nem a racionalidade do homem. Não conseguiu, por exemplo, igualar ou identificar a pessoa de Jesus Cristo à mensagem formulada pela igreja a seu respeito. A pessoa ou a verdade interpretada é sempre maior e está acima da sua interpretação. A mente humana fracassa quando procura humanizar a pessoa divina de Jesus Cristo. Estes exemplos negativos devem servir de orientação ou de sugestões para a nossa tarefa evangelística hoje em dia

2. Em face da perspectiva da posição suprema da pessoa de Jesus Cristo no panorama da história desde a implantação do Cristianismo no mundo até o momento presente, já está evidenciada a diretriz da atuação de Jesus Cristo dos evangelhos até a sua vitória final. Por outro lado, está claro também, a derrota

dos que se afastam da fé e passam a confiar só no raciocínio como fôssemos homens autossuficientes. As experiências da história revelam, portanto, qual deve ser a nossa tarefa. A nossa tarefa por excelência deve ser a de apresentar aos homens o Jesus Cristo dos evangelhos. Devemos ser testemunhas de Jesus e do que ele significa para nós na vida espiritual e prática. Nossa tarefa não é sermos apenas seus interpretes teológicos. Jesus mesmo disse: *“Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim”* (João 12.32). Também a interpretação racional e ética de Jesus Cristo é obra do Espírito Santo. Para cumprirmos a nossa missão precisamos dar lugar a atuação do Espírito Santo e nos submetermos a ele. Ele é o único intérprete da pessoa de Jesus Cristo a nós, e nós somos as testemunhas do que significa esta interpretação para nós e também para os outros.

Esta vista panorâmica da atuação de Jesus Cristo na história dá-nos a entender que o mundo precisa conhecer o Jesus histórico revelado na história e na nossa experiência cristã. Os homens precisam conhecê-lo como o Verbo que se fez carne e habitou entre nós cheio de graça e de verdade. O mundo sente esta necessidade e está buscando ter uma experiência com Jesus Cristo e não receber uma teologia a seu respeito. A Igreja Católica só conhece por informação o Jesus, teologicamente, mas não o conhece por experiência própria como salvador pessoal. Daí as origens das crises do mundo moderno que durante os séculos passados não conheceram a Jesus como Salvador e Senhor.

Os homens de hoje precisam conhecer melhor e crer nas coisas que estão escritas na Palavra de Deus a respeito de Jesus Cristo. Também nós, como pregadores, precisamos saber interpretar melhor os fatos históricos relacionados com Jesus. Os homens precisam crer nele e na sua obra para ter a vida eterna. Depois de terem progredido nas ciências e na tecnologia e depois de terem se afundado nos problemas, os homens agora precisam das Sagradas Escrituras que testificam de Jesus. Precisamos analisa-las para que o Espírito Santo os convença do pecado, da

justiça e do juízo e da necessidade de salvação que só Cristo oferece. Também os crentes, de sua parte, precisam dedicar-se mais ao estudo das Sagradas Escrituras para dar lugar ao Espírito Santo, para serem guiados por ele em toda a verdade que está em Jesus Cristo. Portanto, disse o próprio Cristo glorificado: *"Bem, aventurado aquele lê, e os que ouvem as palavras desta profecia e guardam as coisas que nela estão escritas"* (Apocalipse 1.3).